



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO



1919 - 2009

NÚMERO 67

2009

Este número da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso foi patrocinado pelo Governo Federal através do Ministério da Cultura - MINC e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e integra o conjunto de publicações promovidas pelo Ponto de Cultura do IHGMT.



**Ministério
da Cultura**





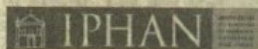
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

NÚMERO 67



1919

Este livro foi produzido com recursos advindos do Ponto de Cultura do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em convênio com o IPHAN - Instituto do Patrimônio Artístico Nacional e Ministério da Cultura, através do projeto Cultura Viva



Ministério
da Cultura



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

DIRETORIA

Presidente de Honra
Blairo Borges Maggi

Presidente
João Carlos Vicente Ferreira

1º Vice Presidente
Weller Marcos da Silva

2ª Vice Presidente
Sônia Regina Romancini

1ª Secretária
Nilza Queiróz Freire

2ª Secretária
Suíse Monteiro Leon Bordest

1º Tesoureiro
Benedito Pinheiro de Campos

Oradora
Elizabeth Madureira Siqueira

Conselho Fiscal
Aecim Tocantins
Moacyr Freitas
Domingos Iglésias

Curadora do Museu e Arquivo
Elizabeth Madureira Siqueira

Coordenador das Publicações Avulsas
Paulo Pitaluga Costa e Silva

Conselho Editorial
Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa
Elizabeth Madureira Siqueira
Sônia Regina Romancini
Suíse Monteiro Leon Bordest
Weller Marcos da Silva

IHGMT

Casa Barão de Melgaço
Rua Barão de Melgaço, 3.869 (Centro) – Cuiabá-MT
CEP: 78005-500 – Telefax: (65) 3624-2029
e-mail: emsiqueira@terra.com.br / joacvferreira@terra.com.br



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

NÚMERO 67



1919

IHGMT/CUIABÁ
2009

© 2009 Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

ISSN 1677-0897

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso /
Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. n. 67. Cuiabá, 2009

132 p.: 16 cm.

1. História. 2. Geografia. 3. Educação. Igreja Católica.
Mato Grosso. Jubileu do IHGMT.

CDD 981.72

Revisão e Normalização:

Comissão Editorial

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:

Candida Bitencourt Haesbaert

Produção Gráfica:

Sérgio Puga

IHGMT

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

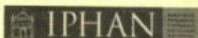
Rua Barão de Melgaço 3.869

(Centro) – Cuiabá / MT

Tel.: (65) 3624-2029

www.ihgmt.org.br

Este livro foi produzido com recursos advindos do Ponto de Cultura do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em convênio com o IPHAN - Instituto do Patrimônio Artístico Nacional e Ministério da Cultura, através do projeto Cultura Viva



**Ministério
da Cultura**



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

ARTIGOS

O DEPÓSITO DAS IDEIAS 11

Weller Marcos

DATA JUBILAR DE VIDA RELIGIOSA DE
DOM AQUINO CORRÊA - 15

Suíse Monteiro Leon Bordest

A HOMILIA DO CONGRESSO EUCARÍSTICO
DE CUIABÁ NA CONCEPÇÃO DE D. FRANCISCO
DE AQUINO CORRÊA..... 27

Elizabeth Madureira Siqueira

ETERNO DOM AQUINO: UM ROTEIRO TURÍSTICO
EM CUIABÁ..... 47

Michelle Sadovski Bittencourt

Elaine Cristina Paniago Rodrigues

Sônia Regina Romancini

RAMIRO NORONHA E OS DIÁRIOS DE SUAS
EXPEDIÇÕES (1915-1928) 59

Anna Maria Ribeiro F. M. Costa

A ALTERAÇÃO DA NOMENCLATURA DO INSTITUTO
HISTÓRICO DE MATO GROSSO PARA INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO 87

Elizabeth Madureira Siqueira

POSSES

DISCURSO DE POSSE DE IVAN ECHEVERRIA
NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE MATO GROSSO..... 93

Ivan Echeverria

DISCURSO DE POSSE DE OSMAR DE CARVALHO
NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE MATO GROSSO..... 128

Osmar de Carvalho

APRESENTAÇÃO

Criado em 1919, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso comemora, em 2009, noventa anos de efetiva e ininterrupta existência. Os artigos apresentados neste número buscam recuperar parte da trajetória da instituição viva e mais antiga de Mato Grosso.

O primeiro artigo, intitulado *Depósito de Ideias*, de autoria de Weller Marcos da Silva, abre, com inteligência e sensibilidade, este número especial, fazendo alusão à diversidade dos membros que integraram e integram a Instituição e sua contribuição intelectual e pessoal ao longo dos 90 anos do IHGMT.

Os três artigos subsequentes rendem uma justa homenagem ao primeiro presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, D. Francisco de Aquino Corrêa. O segundo artigo, de autoria de Suíse Monteiro Leon Bordest, recupera um dos momentos religiosos mais significativos para Mato Grosso, o Congresso Eucarístico, realizado em Cuiabá no ano de 1952, evento marcado por diversas efemérides, dentre elas as comemorações de duas datas jubilares do primeiro presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, seu mentor e criador, o Arcebispo D. Francisco de Aquino Corrêa: o Jubileu de Ouro de sua vida religiosa e o Jubileu de Prata de seu ingresso na Academia Brasileira de Letras.

A confrreira Elizabeth Madureira Siqueira, visando ilustrar o texto de Suíse, apresenta, no terceiro artigo, a homilia do Congresso Eucarístico, uma peça filosófica profunda, uma das últimas mensagens do Arcebispo D. Aquino Corrêa ao povo mato-grossense, especialmente aos cuiabanos. Com delicadeza e profundidade ímpares, são apresentados os principais problemas sociais da época, ocasião em que o Arcebispo aponta caminhos seguros para a sua superação, a saber: ingratidão, arrependimento ou penitência, o sacramento da penitência, o poder de perdoar os pecados, confissão e inferno, confissão e felicidade eterna, confissão e felicidade terrena, não basta confessar-se, confessar-se bem, louvores da confissão e confissões à hora da morte.

Michelle Sadovski Bittencourt, Elaine Cristina Paniago Rodrigues e Sônia Regina Romancini igualmente homenageiam a personalidade de D. Francisco de Aquino Corrêa, pontuando, na paisagem urbana de Cuiabá, os ícones de remetem a essa ilustre personalidade, apontando para uma inovadora área turística, o turismo religioso, com potencial

não só em Cuiabá, mas em diversas cidades históricas brasileiras. No texto, são sobrelevados a Casa Barão de Melgaço, abrigo das duas instituições basilares da cultura mato-grossense e da qual D. Aquino foi fundador: o Instituto Histórico de Mato Grosso e o Centro Mato-grossense de Letras, o primeiro criado em 1919 e o segundo em 1921. O segundo ícone remissivo a D. Aquino é a Cripta da Catedral, onde se encontram os restos mortais do Arcebispo. Em seguida, o Museu de Arte Sacra e o Seminário da Conceição, instituições que marcaram profundamente a vida sacerdotal de D. Aquino, são tratados, ao lado do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora, enquanto instituições importantes para o turismo religioso. O artigo finaliza apresentando a residência onde nasceu D. Francisco de Aquino Corrêa, no dia 2 de abril de 1885, hoje Museu de Pré-História Casa Dom Aquino.

Segue-se um vigoroso texto de autoria da historiadora Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa dando a conhecer as preciosas Cadernetas de Campo anotadas por Ramiro Noronha durante os trabalhos de abertura dos Postos Indígenas do Serviço Nacional de Proteção aos Índios – SPI. Através das informações veiculadas nestes preciosos e raríssimos documentos, pode-se conhecer um pouco do relevante e laborioso trabalho capitaneado pelo mato-grossense e mimoseano Cândido Mariano da Silva Rondon, mentor e criador do mesmo Serviço, hoje Fundação Nacional do Índio – FUNAI.

Os artigos são finalizados com um breve artigo referente à alteração da nomenclatura de Instituto Histórico de Mato Grosso, nome originário adotado em 1919, por Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, alterado no ano de 1974, texto de autoria de Elizabeth Madureira Siqueira.

A Revista finaliza com os pronunciamentos dos mais recentes sócios efetivos, Ivan Echeverria e Osmar de Carvalho.

Objetivando comemorar os 90 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, a presente Revista brinda os leitores com textos inéditos e dedicados a rememorar passagens e personalidades importantes que integraram a trajetória institucional ao longo de nove décadas.

Comissão Editorial

ARTIGOS

O DEPÓSITO DAS IDEIAS

Weller Marcos¹

Neste casarão um dia o vento entrará pelas janelas para levar para o infinito toda a poeira que restar das nossas caminhadas.

Aqui, entre barões e ladinos escribas alguma coisa me diz que o tempo é dividido em compartimentos. Poderosas células, sistemáticas prisões! O que ficou no tempo, inserido na sua trajetória foi algo como uma fração da liberdade. O tempo aprisiona nossos sonhos, retém os nossos voos, manipula a nossa liberdade. E ao final não nos deixa com nada. A cada momento estamos perdendo algo precioso de nós mesmos. É como se fôssemos uma vara lavrada por fortes golpes de algo cortante como um canivete ou uma faca afiada.

Não experimentamos o prazer eterno e por isso não conhecemos a gratidão perpétua. Somos seres magoados, frios, taciturnos, alquebrados! Cada segundo é uma algema que nos prende e maltrata. Então, melhor é não ter pensamentos, não escravizar no cérebro as ideias. O pensar também é uma prisão, desde que separa em compartimentos algo que não sabemos bem de onde se origina e para que venha à mente.

Quando estamos no universo de nossa existência não somos apenas uma identidade, podemos ser todos os matizes de todas as cores; todas as dimensões de todos os volumes; todos os perfumes de todas as fragrâncias.

Certo poeta escreveu que até mesmo o sonho seria uma interferência no nosso existir. Quando sonhamos estamos compondo e dimensionando criaturas, lugares, épocas, atitudes, medos e glórias. E isto também são células do tempo: prisões!

Quando compartilhamos ideias, ou estamos interferindo em um estado letárgico da nossa mente, ou de outras mentes; estamos mandando para a prisão algo que não conhecemos bem, pois as ideias surgem desse estado letárgico.

1 Vice-Presidente do IHGMT. Jornalista e membro do Conselho Editorial da Revista do IHGMT.

Por isso o conflito, o sofrimento, a angústia, a dor, o arrependimento que é elo da corrente que nos prende ao tempo.

Vamos imaginar uma caminhada de noventa anos, realizada por centenas de mentes: umas plenamente formadas, outras em estágios embrionários, algumas vazias e indiferentes! Quais teriam realizado o melhor percurso após tanto tempo? Os que chegaram antes, ou os que vieram depois? Os que vieram pelos méritos, ou os trazidos pela política! Onde está agora cada pensamento que foi gerado nesta corrida, durante tal caminhada – nos livros!, nas fotografias, ou nas peças do museu!

Qual teria sido o primeiro momento e pensamento dessa Trajetória? Em qual dos compartimentos do tempo, pois foi algo da liberdade!

Então, ao final da jornada - que na verdade ainda não será o término, ver-se-á que, verdadeiramente, a letargia prevaleceu sobre o consenso.

Assim, isto que chamam de vida poderia ser chamado de prisão, pois na verdade são compartimentos de guardados, emaranhados e esquecidos! O que seria a vida, não fossem os pensamentos? O que seria a vida, não fosse o tempo medido? E cada vida é como uma prisão individual, solitária, reservada. As vidas são diferentes umas das outras e o que as fizeram assim: o pensamento! Ora, direis: mas só os humanos teriam essa condição. A condição de serem escravos eternos dos seus próprios pensamentos. Assim, a liberdade é uma utopia, jamais haverá!

Quando vejo os compartimentos desse casarão enxergo os fragmentos da longa caminhada: alguns bastante roídos pelas traças, outros ornados e vestidos com pompa e elegância, como se privilegiados fossem. Mais uma vez me escravizo com pensamentos novos: quantos mais seremos até o final da jornada, que não será final! Em cantos obscuros repousam versos jamais recitados, compondo cenários de amarelecidas páginas. Para que bordaram as lâminas se jamais mão alguma as manuseariam, dando chance a que a mente viesse a se ocupar daquelas ideias tão pessoais. Alguns que comigo caminham tais corredores, chegaram a imaginar coisas como ouvir ruídos por detrás das portas centenárias: seriam fantasmas? Mas, os fantasmas não existem. Bem poderia ser um choro ou lamento retardado dos pensamentos que estão ali aprisionados!

Já se passaram os anos, bem distantes do tempo em que aqui estou: solitário, solidário! Solidário, sobretudo à contemplação das muitas li-

berdades concedidas. É como se estivéssemos cochichando a ouvidos moucos. Sei que ninguém nos ouve, nem observa; mas, também sei que nos escutam as minúsculas caixas reservadas aos guardados de nossas inutilidades. Pois o tempo, inflexível e indiferente, nem sabe nos dizer qual foi o primeiro dos pensamentos aprisionados em toda esta caminhada de 90 anos.

489

4489



12 a 15 de JUNHO de 1952



SÊDE BENVINDOS
TODOS AO CONGRESSO!

DATA JUBILAR DE VIDA RELIGIOSA DE DOM AQUINO CORRÊA -

PRIMEIRO CONGRESSO EUCARÍSTICO DE CUIABÁ

Suise Monteiro Leon Bordest¹

Buscando suplementar o conjunto de artigos em homenagem aos 90 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - IHG-MT, recorreremos à memória do *Primeiro Congresso Eucarístico de Cuiabá*. Evento que permanece na lembrança daquelas pessoas que tiveram a felicidade de participar da celebração dos 50 anos da vida religiosa de D. Francisco de Aquino Corrêa, cujas festividades ocorreram na cidade de Cuiabá no ano de 1952. Desse modo, ao render homenagem aos 90 anos do IHGMT, nada mais justo que memorar fatos relacionados com a vida daquele que foi seu primeiro presidente.

Dom Francisco de Aquino Corrêa, segundo arcebispo metropolitano de Cuiabá, viveu entre os anos de 1885-1956. Figura singular, bem merece ser lembrada neste ano em que se comemoram os 90 anos do IHGMT.

Jovem estudante do Liceu São Gonçalo, tido como aluno exemplar, foi poeta admirado. Sacerdote, depois de haver concluído, em Roma, os cursos de Filosofia e Teologia com o doutorado, é designado diretor do Liceu São Gonçalo, substituindo Dom Antônio Malan. Bispo aos 29 anos. O mais jovem presidente de Estado do Brasil (32 anos) e o mais jovem arcebispo brasileiro (36 anos), havendo falecido como decano dos arcebispos do Brasil.

Sem jamais exercer atividades de caráter permanente fora de sua cidade natal, a longínqua Cuiabá, “mimosa flor do sertão”, decantou em prosa e versos sua terra, sua gente e suas tradições.

Como governador do Estado de MT (1918-1922), deixou marcas profundas na vida cultural do Estado, onde a poesia, a música, a

¹ Membro do Instituto Histórico e Geográfico de MT. Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia / UFMT. Membro do GPEA/UFMT

literatura e a pesquisa histórica eram cultivadas por jovens e adultos. Notáveis, inesquecíveis os serões de arte, as eruditas palestras de historiadores e literatos, as declamações, o estudo da arte musical que enchia de melodias as estreitas ruas da velha capital, conforme escreve o padre Pedro Cometti, ao reverenciar a vida e a obra de Dom Aquino Corrêa (1994, p. 153).

Para preservar a memória de seu Estado, legando às gerações vindouras os efeitos dos grandes homens e conservando os documentos históricos, fundou, em 1919, o *Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*.

A 7 de setembro de 1921, inaugura solenemente o Centro Mato-Grossense de Letras, que, a 15 de agosto de 1932, por proposta do mesmo arcebispo e de José de Mesquita, aprovada por unanimidade, passou a denominar-se *Academia Mato-Grossense de Letras*, cuja instalação se deu a 7 de setembro desse mesmo ano.

DUAS DATAS JUBILARES E A IDEIA DO CONGRESSO EUCARÍSTICO

A ideia do Congresso Eucarístico foi oportunidade para homenagear Dom Aquino Corrêa em seus últimos anos de vida.

Como escreve padre Pedro Cometti (1994, p. 365), “o ano de 1952 marcava na vida de Dom Aquino duas datas jubilares. Uma de ouro, e outra de prata; ambas de alto significado para sua vida de religioso e de literato. Completava-se meio século de vida religiosa, e há 25 anos, recebera os lauréis da imortalidade literária com a eleição à Academia Brasileira de Letras.”

O bispo auxiliar Dom Antônio Campelo de Aragão, salesiano, pernambucano, homem dinâmico, lançara a ideia de um Congresso Eucarístico para “comemorar, santificar e perpetuar as duas efemérides jubilares”. O primeiro de Mato Grosso. Um Congresso em Cuiabá era tarefa tanto nobre quanto ousada: a distância que muito e tudo dificultava, a penúria de meios pecuniários e de elemento humano, longe de arrefecerem, aumentaram o entusiasmo. E a atividade vulcânica e o espírito organizativo do bispo auxiliar a todos contagiaram, desde o governador do Estado até as crianças das escolas, as quais, ensinadas por professores e catequistas, cantarolavam, dia e noite, o Hino do Congresso.

O referido hino do Congresso Eucarístico, de autoria do padre Nestor de Alencar, música do padre João Kasprzyck, ainda hoje é cantado pelos que tiveram a ventura de viver os inolvidáveis dias do Congresso.

*Cuiabá, gloriosa e ridente,
Ó princesa das matas de pé!
Sus! conclama em clarins tua gente
Para o almo certamen da Fé*

*Caravanas, por rudes estradas,
No passado corriam a ti.
Demandavam, em sonho embaladas,
Tuas perlas, teu ouro e rubi.*

*Hoje volvem, por entre as estrelas,
Pelas sendas infinitas do ar.
Veio amor, não cobiça, trazê-las,
Para o Cristo na Hóstia adorar.*

*E unir se vieram ao canto
Triunfal de carinho e de amor
Que entoaste, vibrante, ao teu santo,
Ao teu nobre e querido Pastor.*

*Dom Francisco de Aquino Corrêa
Que poema esse nome traduz!
Que te encantos sua voz não semeia
Pelas almas sedentas de luz!*

*Destas matas gentis, virginais,
Destes céus esbatidos de anil,
Abençoa, Jesus, sempre mais,
Cuiabá...Mato Grosso...o Brasil!*

Num esforço conjunto, passamos a narrar fatos e lembranças desse inesquecível acontecimento, com base nos registros escritos por autores contemporâneos ao evento e fortalecidos por nossas recordações de infância.

Com o objetivo de viabilizar o evento, foi instituída a Lei n. 2.081, de 11 de novembro de 1951, que autorizava o Poder Executivo a abrir, pelo Ministério da Educação e Cultura, o crédito especial de CR\$ 300.000, 00. A intenção era auxiliar a realização, na cidade de Cuiabá, do Congresso Eucarístico, reforçado pelos festejos comemorativos do jubileu sacerdotal de Dom Aquino Corrêa.

Em se tratando do querido arcebispo, todos se uniam, todos vibravam, todos cooperavam felizes. Famílias cuiabanas se prepararam para acolher e hospedar em suas casas, visitantes provenientes dos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro. Nos colégios religiosos de Cuiabá, como São Gonçalo, Coração de Jesus e Asilo Santa Rita, bem assim nos colégios laicos, todos aguardavam ansiosos as festividades.

Assim, desde o mês de janeiro de 1952, Cuiabá sonhava, pensava, cantava e vivia o Congresso Eucarístico. E Dom Aquino tudo seguia, secundava as iniciativas e as custeava, auxiliando no que lhe era possível, preocupado com o êxito espiritual das comemorações (COMETTI, p. 365).

O trabalho do bispo Dom Campelo, acolitado por uma plêiade de católicos, desde as mais altas autoridades até os entusiasmados operários dos círculos por ele fundados, conseguiu tornar Cuiabá digna sede de um Congresso Eucarístico. Aqui aportaram figuras de pro do mundo religioso, como o Arcebispo Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, cardeal-arcebispo de São Paulo; Dom Hélder Câmara, então bispo auxiliar do Rio de Janeiro; Dom Carlos Coelho, bispo de Niterói. A tão magno evento não se poderiam ausentar os bispos mato-grossenses, ovelhas de escola que igualmente pastoreava o amado arcebispo. O locutor do Congresso foi o então inspetor dos salesianos, padre João Resende Costa, mais tarde, arcebispo de Belo Horizonte.

Sabia-se que a saúde do arcebispo Dom Aquino, que ia declinando a olhos vistos, se fazia preocupante. Com sobressalto e afeto, seus filhos acompanhavam seus passos, diante do físico tão abalado por tantas doenças. Ele, entretanto, não descuidava seus deveres, suas visitas pastorais e pregações: volta e meia, porém, sumia de circulação, recolhido a seu paupérrimo catre.

As celebrações campais eram realizadas a céu aberto no *Estadium do Colégio Estadual* (Liceu Cuiabano), onde foram colocados o altar-mor e as arquibancadas. As “friagens” na terra cuiabana costumam ser precedidas de chuvas finas e garoas. Essas intempéries marcaram os momentos das celebrações do Congresso, que se deram no mês de junho, época de afluxo das “frentes frias” que caracterizam o inverno mato-grossense. Nesse contexto permanecem as lembranças de cenários onde se viam centenas de senhoras, jovens e crianças, de cabeças cobertas por véus, estudantes uniformizados, visitantes de outros Estados irmanados em meio às orações e cânticos, sem arredarem os pés, em suas convicções religiosas.



Sua Santidade o Papa Pio XII
Gloriosamente Reinante



*Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardeal
Dom Carlos C. de Vasconcelos Mota
Arcebispo de São Paulo*



Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo

Dom Carlos Chiarlo

Nuncio Apostólico no Brasil



Sua Excelência o Senhor
Doutor Fernando Corrêa da Costa
Governador de Mato Grosso

PROGRAMAÇÃO DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DE CUIABÁ

Do extenso Programa que marcou o Congresso Eucarístico, destacamos alguns fatos:

No dia 12 de junho - Quinta Feira – *A Eucaristia e a Juventude*

Às 6h30 - iniciavam-se as comemorações com **Missas Festivas**, dedicada à comunhão geral das crianças, celebrada pelo Revmo. D. Carlos de Gouveia Coelho, bispo de Nazaré, Pernambuco.

Às 8h - **Solene Missa Pontifical**, oficiada por S. Excia. Revma. Dom Francisco de Aquino Corrêa, dedicada aos bispos e a todos os congressistas.

Às 11h - inauguração do **busto** do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Francisco de Aquino Correa, erguido na Praça Alencastro. Coube ao jornalista vereador Augusto Mário Vieira tecer palavras festivas ao homenageado.

Às 15h - **Homenagens** do Brasil, de Mato Grosso, das Academias de Letras, da Congregação Salesiana no Brasil – a Dom Aquino, comemorando suas bodas de Prata de Academia e Jubileu de Ouro de vida religiosa salesiana.

Às 20h - **Sessão Magna** no *Estadium* – saudação aos bispos e congressistas pelo Exmo. Sr. Benjamin Monteiro Duarte.

No dia 13 de junho - Sexta Feira – *A Eucaristia e o Apostolado*

Às 6h - A **Missa Festiva** celebrada por Dom José Selva, prelado do Araguaia, realizada no *Estadium* dá início as comemorações do dia.

Às 20h – A **Sessão Magna**, igualmente realizada no *Estadium*, fecha a extensa programação e solenidades do dia.

No dia 14 de junho – Sábado – *A Eucaristia e a Família*

Às 6h – A **Missa Festiva** celebrada por Dom Vunibaldo Talleur, bispo de Chapada dos Guimarães.

Às 8h – **Sessão de Estudos de Ação Católica no Teatro**. Reunião da Juventude Feminina Católica, sob a presidência de Dom Hélder Câmara.

Às 20h – **Sessão Magna no Estadium** – saudação do governador do Estado de Mato Grosso, Dr. Fernando Correa da Costa, e oração do deputado José Fragelli, finalizando com a bênção solene de Dom Francisco de Aquino Corrêa.

No dia 15 de junho – Domingo – *A Eucaristia e o Sacerdício*

À meia noite de 14 para 15 de junho, **grande procissão luminosa** para os homens e militares, sendo levada pelas ruas da cidade a venerada imagem do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. À uma hora da madrugada, missa festiva e grande *Comunhão geral dos homens e dos militares*.

Às 6 h – **Missa Festiva**, celebrada por Dom Luiz M. Galibert, Bispo de Cáceres.

Às 17 horas – **Missa Solene e Piedosa Procissão Eucarística** do encerramento do Congresso. A imagem de *Nosso Senhor Sacramento* saiu da Catedral, sendo levado em carro triunfal até o altar monumento por D. Francisco de Aquino Corrêa, acompanhado pelo cardeal Mota, ladeado por autoridades civis e militares.

A cidade toda prestigiou a programação e, de modo especial, acompanhou essa triunfal procissão eucarística, na qual o arcebispo, prostrado ante o Santíssimo, num carro-andor, deu a seus filhos a mais comovedora e eloquente demonstração de fé. A atitude orante do velho e alquebrado arcebispo, ficou gravada, indelevelmente, na retina e no coração de todos (COMETTI, 1994).

Muito doente – esmorecido o vigor físico que sempre o acompanhou -, Dom Aquino despertava a preocupação de seus conterrâneos. Se bem assim, compareceu a todos os atos, da abertura ao encerramento do Congresso.

Gustavo Barroso, acadêmico e insigne literato, fora o embaixador da Academia Brasileira de Letras para o Jubileu de Prata do Acadêmico Dom Aquino, por igual, ocorrido no mesmo ano de 1952. Quatro anos se passaram. Ao tecer-lhe, na Academia, o *elogio fúnebre*, refere-se à procissão do Congresso em Cuiabá: “Em 1952, assisti a outro fato impressionante, no encerramento do Congresso Eucarístico. Doente, bastante doente, Dom Aquino fez questão de acompanhar a Hóstia Sagrada desde a Catedral ao campo, onde se deu o encerramento do Congresso. E era de ver o silêncio e o respeito da multidão ao passar o carro que levava o hostiário, a custódia com aquele homem magro inclinado ajoelhado, mantendo-se com tanta dificuldade que, ao chegar ao campo desmaiou...”.

Plagiando Cometti (1994): “Valera a pena comemorar, celebrar, santificar com um Congresso Eucarístico os 50 anos de vida religiosa de quem tão exemplarmente vivera e tão ardentemente cantara os ideais santos aos quais consagrara sua luminosa e fecunda existência”. E que, neste breve texto dedicado aos 90 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, rememoramos, homenageando a figura singular e edificante daquele que foi seu primeiro Presidente.

REFERÊNCIAS

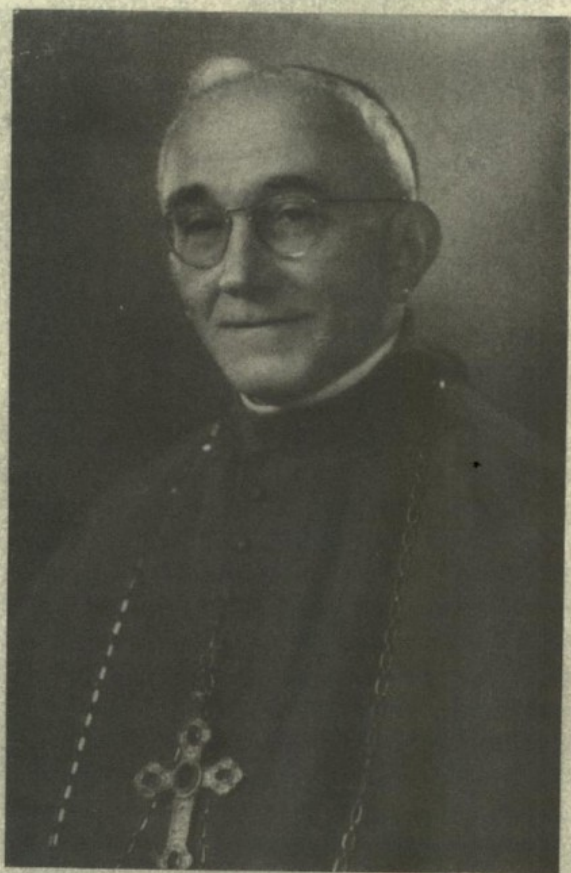
ALBUM COMEMORATIVO do 1º CONGRESSO EUCARÍSTICO DE CUIABÁ. Homenagem da Cidade ao Exmo. Revmo. Sr. D. Francisco de Aquino Correa. 1952.

COMETTI, Pe. Pedro “**Dom Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá: Vida e Obra**”. Preparo de texto e revisão gráfica: Corsíndio Monteiro da Silva. 1994.

CONGRESSO EUCARÍSTICO DE CUIABÁ – Primeiro de Mato Grosso. De 12-15 de junho de 1952. Livro de Cânticos.

O CONGRESSO EUCARÍSTICO DE CUIABÁ – E o fruto que dele esperamos. CARTA PASTORAL. 1952.

PROGRAMA DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DE CUIABÁ de 12-15 de junho de 1952.



*Sua Excelência Reverendíssima o Senhor
Dom Francisco de Aquino Corrêa
Arcebispo Metropolitano*

A HOMILIA DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DE CUIABÁ

NA CONCEPÇÃO DE D. FRANCISCO
DE AQUINO CORRÊA

Elizabeth Madureira Siqueira¹

Homenagear os 90 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em seu Jubileu de Álamo, na pessoa de D. Francisco de Aquino Corrêa é prestar um tributo a toda Instituição e seus membros, visto que o Arcebispo foi, por mais de 40 anos, Presidente do IHGMT, criador da insígnia que lhe emblematiza, *Pro pátria cónita atque immortalí* (pela pátria conhecida e imortal), personalidade que criou e sedimentou a instituição cultural viva mais antiga de Mato Grosso. A despedida de D. Aquino da vida terrena foi marcada pela realização do Congresso Eucarístico, em Cuiabá, no ano de 1952, evento que encerrou com letras douradas a trajetória do Arcebispo Metropolitano de Cuiabá. A Carta Pastoral do evento foi uma das últimas contribuições intelectual e religiosas dessa personalidade, visto que escrita em São Paulo, onde se encontrava doente.

Tal peça literária de extremo valor para a vida e a conduta moral dos mato-grossenses, aponta um dos cruciais problemas vividos pela sociedade à época, a falta de arrependimento, a não confissão. Através da homilia, D. Aquino imprime uma direção segura na condução e superação desse problema, esclarecendo que a natureza do arrependimento e sua externalidade deve ser revestida de sigilo e ética. Deixemos que D. Aquino faça uso da palavra, de cujos ensinamentos, ainda hoje, se pode usufruir pelos elevados aconselhamentos.

1 Sócia efetiva do IHGMT. Curadora da Casa Barão de Melgaço. Doutora em História da Educação.

O CONGRESSO EUCARÍSTICO DE CUIABÁ

CARTA PASTORAL (1952)

Dom Francisco de Aquino Corrêa S. S.

Irmãos e filhos diletísimos,

Antes que transmonte, nostalgicamente, este ano de 1952, assinalado por dois jubileus, na vida do vosso arcebispo, a saber, 50 anos de carreira salesiana e 25 de investidura na Academia Brasileira de Letras; antes que se dissipem as suaves, profundas e edificantes impressões do Congresso Eucarístico de Cuiabá, primeiro da nossa Província Eclesiástica, com o qual, sob a iniciativa inteligente, filial e carinhosa do nosso querido Bispo Auxiliar, houvestes por bem comemorar, santificar e perpetuar as referidas efemérides jubilares; antes, em suma, que se perca tão ótima oportunidade, queremos convidar-vos, como ora fazemos, a nos acompanhardes em algumas reflexões sôbre os mesmos memoráveis acontecimentos.

E em primeiro lugar, pedimos a vossa atenção para a parte admirável, que conforme já nos tem acontecido em outras ocasiões, quis Deus tomar nessas comemorações, enviando-nos, em seguida, uma repentina e espetacular doença, verdadeira bordoadada divina, que nos deixou o rosto desfigurado e monstruoso, mas logo após, foi amainando, para indicar-nos que essa enfermidade não era de morte, mas de vida, com o fim de expurgar e como que esvurmar as nossas iniquidades, atraindo-nos ao seu amor misericordioso, para melhor cuidar da nossa e das vossas almas. Assim prouve a Nosso Senhor autenticar com o seu sinete esses jubileus, retificando intenções e acrisolando alegrias: *Dominus est.* (1 Reis, III, 18).

D'aqui a ideia de vos dirigir, desde logo, esta Carta Pastoral, que nas folgas dos nossos mal-estares, vamos escrevendo aos pés da Virgem Imaculada, meiga inspiração e fonte luminosa de todas as graças, que nos vem do seu Divino Filho.

BOM JESUS DE CUIABÁ

E como levamos em mira fazer alguns comentários, de ordem espiritual, ao nosso Congresso Eucarístico, começemos por transcrever aqui a oração do mesmo Congresso.

Senhor Jesus Cristo! Que há 230 anos, baixastes pela primeira vez, em corpo, sangue, alma e divindade, ao altar mor da futura catedral metropolitana de Cuiabá, para acompanhardes o nosso povo, sob

a doce invocação de BOM JESUS, na sua histórica jornada através dos séculos! Quanta bondade da vossa parte! Quanta ingratidão da nossa!

Esquecemos os vossos benefícios. Abandonamos o vosso altar, deixando ele de assistir a santa Missa e de fazer a Comunhão Pascal. Ousamos constituir nossas famílias sem a vossa bênção. Demos os nomes a seitas e sociedades por Vós condenadas. Desobedecemos ao vosso Vigário, o Santo Padre o Papa. Desprezamos a vossa voz, que chama os jovens ao serviço da vossa Igreja. Convertemos o vosso culto em superstições e festas profanas.

Perdão, Senhor! Queremos reparar todo esse passado com o nosso pequeno Congresso Eucarístico, que não será apenas uma homenagem de ação de graças, mas, também de adoração, arrependimento e confiança ilimitada nas vossas infinitas misericórdias.

Maria Santíssima, nossa Mãe e Senhora, Ela, que preparou os vossos caminhos na história destas minas, seja-nos agora e sempre, a Medianeira do vosso perdão e do vosso amor.

- Aceitai, ó Bom Jesus, a pobreza do nosso Congresso e ajudai-nos, mediante a vossa graça, a supri-la com um coração contrito e humilhado, mas cheio de esperança e bons propósitos, de modo que assim como vos dignastes de ser chamado o Bom Jesus de Cuiabá, assim também se glorie a nossa terra, de ser sempre mais, em espírito e verdade, a Cuiabá do Bom Jesus. Assim seja.

Aí está o espírito do Congresso Eucarístico, que desejamos perdue em vossas almas. E antes de tudo, essa oração nos lembra que o Padroeiro de Cuiabá é o Bom Jesus; mas este Padroeiro Divino, os cuiabanos não o escolheram, foram por Ele escolhidos. Antes que existisse o povo cuiabano, já o Bom Jesus tomava sob a sua proteção a nossa terra. Bem pode Ele dizer aos cuiabanos, o que disse aos seus apóstolos: *Não fostes vós que me elegestes, mas Eu é que vos elegi. Non vos me elegistis, sed Ego elegi vos.* (Jo. XV, 16). Quanta bondade!

Além disso, observemos que bastaria aí o nome de Jesus, para que pudessem os cuiabanos gloriar-se ao seu Patrono, perante o mundo universo. Porque Jesus é o maior nome da História, “nome, que está acima de todos os nomes” (Fil. II, 9), “nome capaz de fazer dobrar todos os joelhos, no céu, na terra e no inferno.” (Ibid. 10).

Mas este nome todo poderoso é também o mais suave de todos, porque significa Salvador. “Chamá-lo-eis Jesus, disse o anjo, porque Ele vai salvar o seu povo” (Mat. I, 21). D’aqui o piedoso trocadilho de São Bernardo: “Ó Jesus, sede o meu Jesus”, isto é, o meu Salvador! *Jesu, sis mihi Jesus!*

Contudo, o mesmo Jesus quis fazer ressaltar aí, o atributo da bondade, e o Padroeiro de Cuiabá não é Jesus, mas o Bom Jesus.

Conta-se que numa assembleia de sábios, se discutiu outrora, sobre qual seria o epíteto mais próprio da divindade, e ficou assentado que é *ótimo*, de acordo com a fórmula clássica: *Deo Optimo Maximo* e a respectiva sigla: D. O. M. Antes do Deus Máximo, o Deus Ótimo, antes da majestade infinita, a infinita bondade.

Assim, a expressão Bom Jesus, que se diria um pleonasma, o é de fato, mas pleonasma divino da sua bondade. Para que, com efeito, inculcar tanto a sua bondade, senão para inspirar a maior confiança aos cuiabanos? Assim como ninguém se salva sem o Bom Jesus, assim também ninguém se perde com Ele. Não há pecado, não há crime, não há vício algum, por inveterado que seja, que o Bom Jesus não possa, ou não queira perdoar. Uma só coisa Ele não tolera: é a falta de confiança. Quem desespera do Bom Jesus, não é cuiabano. Esta é a mensagem do Bom Jesus. Quanta bondade!

Finalmente, o Bom Jesus de Cuiabá não é propriamente a antiga a histórica Imagem, que se venera em nossa Catedral, mas, sim, conforme lembra a oração do Congresso, Aquele “que há 230 anos, baixou pela primeira vez, em corpo, sangue, alma e divindade, ao futuro altar mor da catedral metropolitana de Cuiabá, para acompanhar o seu povo, sob a doce invocação de Bom Jesus, na sua épica jornada, através dos séculos.”

O Bom Jesus de Cuiabá é o Bom Jesus da Eucaristia, o Bom Jesus da Hóstia Santa, que procuramos glorificar em nosso Congresso; que se imola diariamente no sacrifício da Missa, pela salvação do seu povo; que permanece, dia e noite, em nossos tabernáculos, para nos dar audiência e consolo; que deseja ardentemente, o recebam os cuiabanos na Santa Comunhão, às mais vezes possíveis, e até todos os dias. Quanta bondade!

INGRATIDÃO

Da nossa parte, ao contrário, quantas ingratidões! A começar pela Eucaristia, quantos cuiabanos não crêem na presença real do Bom Jesus na Hóstia consagrada! Entretanto, para o gênio de São Tomás de Aquino, bastava a palavra de Jesus, que disse: “Isto é o meu corpo”. Nada via ele da presença de Jesus, e, muito ao invés, tudo parecia negar essa presença, mas exclamava nos seus célebres versos:

*Não te vejo, nem sinto, porém creio,
Porque o disseste Tu, que estás aí;
És o Filho de Deus, não titubeio,
Creio, Verdade Eterna, creio em ti!*

Além disso, temos hoje o testemunho de vinte séculos, que a Hóstia tem atravessado, em meio aos maiores triunfos, dentre os quais, o recente Congresso Eucarístico Internacional de Barcelona.

Mesmo, porém, os que têm fé, muitos se deixam levar pelas tradições heréticas do jansenismo, que a pretexto de veneração e respeito, afasta as almas da Eucaristia, da comunhão frequente e da vida familiar com o Bom Jesus.

A respeito das nossas ingratidões para com o Bom Jesus, diz a oração do Congresso:

Esquecemos os vossos benefícios. Abandonamos o vosso altar, deixando de assistir à Santa Missa e de fazer a Comunhão Pascal. Ousamos constituir nossas famílias sem a vossa bênção. Demos os nomes a seitas e sociedades por Vós condenadas. Desobedecemos ao vosso Vigário, o Santo Padre, o Papa. Desprezamos a vossa voz, que chama os jovens ao serviço da vossa Igreja. Convertemos o vosso culto em superstições e festas profanas.

Perdão, Senhor! Queremos reparar todo esse passado, com o nosso pequeno Congresso Eucarístico, que não será apenas uma homenagem de ação de graças, mas também de adoração, arrependimento e confiança ilimitada nas vossas infinitas misericórdias.

Maria Santíssima, nossa Mãe e Senhora, Ela, que preparou os vossos caminhos na história destas minas, seja-nos agora e sempre, a Medianeira do vosso perdão e do vosso amor.

Eis aí o fruto do nosso Congresso Eucarístico: um espírito de arrependimento e penitência, confiante na intercessão maternal de Nossa Senhora.

ARREPENDIMENTO OU PENITÊNCIA

Infeliz da alma, que não sabe arrepender-se! Existe um provérbio, que diz: "Errar é próprio do homem do homem; persistir no erro é próprio do demônio". *Errare humanum est; in errore perseverare, diabolicum.*

Mas aqui se nota que o demônio persiste no erro, porque não pode arrepender-se; é este o seu castigo eterno. O homem, porém, pode e deve arrepender-se, é pior que o demônio.

Bem se aplicariam aqui os conhecidos conceitos do nosso Rui Barbosa:

Pelo que toca ao variar das opiniões, escreveu ele, deixem-me ter, mais uma vez, o consolo de trazer à praça, como coisa de que me prezo, e que não me pesa, a deliciosa culpa dos homens de consciência, a única, em que hei de morrer impenitente. *Beata, beata, beatíssima culpa!* Não mo tenham a mal os imutáveis. Deus os desencrue. Deus os reverte, de pedra e cal, em homens. Deus os ensine a mudar. Porque todo o aprender, todo o melhorar, todo o viver é mudar. De mudar, nem mesmo o céu, o inferno, ou a morte escapam. Mudar é a glória dos que ignoravam e sabem; dos que eram maus, e querem ser justos; dos que não conheciam a si mesmos, e já melhor se conhecem, ou começam a conhecer-se. O que, no mudar, se quer, é que não se mude para trás, nem do bem para o mal, ou do mal a pior. Se me achassem hoje, menos tolerante, menos liberal, menos amigo da justiça, menos dedicado às leis, menos humano, menos dado ao trabalho, menos cristão do que ontem, aí sim, bem era que mo imputassem a culpa, vergonha ou crime. Mas em todos esses pontos, é sempre do menos para o mais, suponho eu, do mal para o bem, ou do bem para o melhor, que tenho mudado, ou feito por mudar.

Tão importante é o arrependimento ou penitência, que Nosso Senhor Jesus Cristo fez dela, condição indispensável à salvação eterna: “Se não fizerdes penitência, perder-vos-eis todos igualmente.” (Luc. XIII, 5).

Quando se fala em penitência, costuma-se entender jejuns, cilícios e mortificações: tudo isso, porém, são apenas obras de penitência, obras inspiradas pela penitência, que é interna.

Possuem os gregos um vocábulo expressivo, para indicar a penitência, *metanóia*, que quer dizer “mudança de mente ou pensamento”. Assim começa o arrependimento ou penitência: por um ato de inteligência, reconhecendo o erro e o mal praticado. O homem é criatura racional, que se guia pela inteligência ou convicção; arrependimentos ou penitências, que não se originam desta convicção, não passam de veleidades e sentimentalismos.

Note-se, entretanto, que esta convicção é apenas o primeiro passo para a verdadeira penitência. Neste sentido foi talvez que certo teólogo respondeu a alguém, que insistia com ele, para que convertesse um protestante erudito: “Se desejais, disse ele, que eu o convença, posso tentá-lo; mas convertê-lo, só o Sr. Bispo de Genebra (S. Francisco de Sales)”. Queria dizer que razões humanas podem convencer; mas a conversão completa, que já é um ato da vontade, envolvendo toda a vida do homem, só mesmo por meio da graça de Deus, impetrada abundantemente pelos seus santos favoritos.

É necessário, mas não suficiente, reconhecer o erro e o mal praticado. Não basta mudar de pensamento, *metanóia*; é preciso também

o pesar de ter cometido o pecado e conseqüentemente o propósito de emendar-se e mudar de vida.

Tão eficaz é o arrependimento, que como sabeis, pode perdoar os pecados. Existe o arrependimento imperfeito, que se chama atrição, e o perfeito que se chama contrição. A atrição se arrepende dos pecados, por motivo de desonra ou prejuízo que nos causam, e, sobretudo, porque nos fizeram perder o céu e merecer o inferno. A contrição se pesa dos pecados, porque ofendem a Deus, infinitamente bom e digno de ser amado. Este é o arrependimento capaz de perdoar os pecados, uma vez que a confissão dos mesmos seja impossível.

Caberia aqui lembrar o caso daquele moço, que tocado pela graça, decidiu abandonar, mediante uma boa confissão, a vida de perversidades, em que se abismara.

E para garantir melhor integridade de acusação, não se contentou com fazer mentalmente o exame de consciência, senão que escreveu também num papel de pecados, que depois foi lendo ao confessor, por ente visíveis mostras de arrependimento.

Como, porém, houvesse aí vários pontos graves de moral, que o próprio confessor não se atreveu a julgar, pediu esta licença para levar a lista de pecados ao seu superior, a fim de consultá-lo a respeito.

E qual não foi a sua surpresa, quando ao mostrar o papel ao abade, o encontrou inteiramente em branco, como se nada tivesse sido nele escrito. Donde concluíram ambos, as lágrimas da contrição perfeita daquele jovem, tinham já lavado, antes mesmo da absolvição sacramental, todas as suas iniquidades.

Daqui a necessidade, que todos temos, de saber bem e de cor, o ato de arrependimento perfeito e imperfeito, de acordo com a fórmula consagrada em nossos catecismos. Ei-la:

Senhor meu Jesus Cristo, Deus e Homem verdadeiro, Criador e Redentor meu! (segue-se o ato de contrição ou arrependimento perfeito). Por serdes Vós quem sois, sumamente bom e digno de ser amado, e porque vos amo e estimo sobre todas as coisas, pesa-me, Senhor, de todo o meu coração de vos ter ofendido; (segue-se o ato de atrição ou arrependimento imperfeito pesa-me também por ter perdido o céu e merecido o inferno; (segue-se o propósito) e proponho firmemente, ajudado com os auxílios de vossa divina graça, emendar-me e nunca mais vos tornar a ofender e espero alcançar o perdão das minhas culpas, pela vossa infinita misericórdia. Amém!

O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA

Até aqui, irmãos e filhos diletíssimos, nada vos temos dito, senão a respeito da virtude da penitência. Esta virtude, porém, conforme já vos fizemos notar, é tão importante, que o nosso Divino Salvador a elevou à sublime categoria de Sacramento. Temos assim a virtude e o sacramento da Penitência.

E a diferença principal é que a virtude da Penitência, como já vimos, para perdoar os pecados, precisa dum ato de arrependimento perfeito, ou contrição, inspirado no amor puríssimo de Deus, o que nem sempre é fácil à nossa natureza corrompida. No sacramento da Penitência, ao invés, basta uma ato de atrição ou arrependimento imperfeito, o qual, baseado embora nos males, que o pecado nos acarretou, mas ajudado com a graça do sacramento, pode obter a absolvição de todos os pecados.

Só por aqui, já se vê a grandeza e utilidade do sacramento da Penitência, que também se chama Confissão, porque a Penitência e a Confissão representam os seus atos principais. Sem a Confissão, como veremos, não pode existir o sacramento da Penitência; e sem a Penitência, o sacramento da Confissão não pode reproduzir os seus efeitos.

Entremos, pois, a falar deste sacramento, que Nosso Senhor, depois de no-lo ter prometido, instituiu e nos deixou como uma das maiores preciosidades da sua herança divina.

Sem nos determos na promessa do sacramento, vamos tratar, desde logo, da sua instituição. E, pois, que devia ser um sacramento de ressurreição e de vida, dir-se-ia que Jesus tenha querido instituí-lo no próprio dia triunfal, em que ressurgiu dos mortos.

Ouçamos, de fato, como no capítulo 20 do seu evangelho, atestamos S. João esta instituição divina:

Chegada já a tarde daquele dia, que era o primeiro da semana, e estando fechadas as portas do lugar, onde se achavam reunidos os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, e pondo-se no meio deles, disse-lhes: A paz seja convosco! E dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e ao lado. Alegraram-se muito os discípulos, vendo o Senhor. Disse-lhes Jesus outra vez: A paz seja convosco! Assim como meu Pai me enviou, assim também eu vos envio. Ditas estas palavras, soprou sobre eles, dizendo-lhes: Recebei o Espírito Santo. Os pecados serão perdoados a quem perdoardes, e retidos a quem os retiverdes.

Quem quer que leia este famoso tópico do quarto evangelho, para nele descobrir o instituto da Confissão sacramental, fica surpreso

e como desapontado: vê-se aí claramente como Jesus conferiu aos seus apóstolos o poder de perdoar os pecados, mas da Confissão nada se fala.

Entretanto, uma leitura mais atenta vai revelar-nos tudo.

Note-se, para isso, que o Divino Mestre não disse apenas: “os pecados serão perdoados a quem os perdoardes”, mas acrescentou: “e retidos a quem os retiverdes”. Se não tivesse juntado este inciso, não haveria necessidade da confissão. Os apóstolos deveriam absolver indistintamente a todos que se apresentassem.

Tendo dado, porém, o poder e a obrigação, não só de perdoar, mas também de reter pecados, o ministro deste perdão, já não pode perdoar indistintamente, mas deve antes conhecer os pecados e as disposições do pecador, para resolver se pode perdoar ou não.

E como conhecer tudo isto? *Quantum capio, quantum sapio?*, diria aqui Santo Agostinho, quanto entendemos e sabemos, só pode ser por meio da confissão, ou seja, da acusação, que o próprio penitente faz dos seus pecados e das suas disposições.

Eis aqui a necessidade da confissão subentendida ao exercício do poder de perdoar ou reter os pecados.

Em outros termos, Nosso Senhor Jesus Cristo instituiu o sacramento da Penitência, em forma de tribunal, não de justiça, mas de misericórdia. O seu ministro é juiz. Deve julgar os pecados do pecador, para os perdoar ou reter, absolver ou não. Mas como julgar sem conhecer? E como conhecer, sem a confissão? Aqui está novamente a confissão, como necessária para que o poder de perdoar ou reter os pecados não se torne vão, frustâneo e ridículo.

Assim é que neste tribunal da infinita misericórdia, todos os réus devem ser confessos.

O PODER DE PERDOAR OS PECADOS

Prossigamos, porém, na análise do sagrado texto, em que o Salvador conferiu aos apóstolos, o magnífico poder de perdoar os pecados. “Os pecados, disse Ele, serão perdoados a quem perdoardes”. Os pecados, notai bem, os pecados sem distinção alguma, não estes ou aqueles, mas todos e quaisquer. Onde a lei não distingue, nem restringe ninguém pode distinguir, nem restringir, tanto mais que se trata de um favor, e favores, de acordo com o princípio geral, devem ser ampliados: *favores sunt ampliandi*.

Admiremos aqui a misericórdia inefável do nosso Deus, que assim perdoa todos os pecados, isto é, todas as ofensas à sua infinita majestade e bondade! Por atrocidades e sacrílegas que sejam essas ofensas,

por mais imundos e hediondos que sejam os crimes, por mais numerosas e inverteradas que sejam as iniquidades, o perdão está sempre ao alcance do miserável pecador: basta que se arrependa e recorra ao supremo tribunal da reconciliação e da paz, que é o Sacramento da Confissão.

Diz o Senhor em Isaías que, se a alma do pecador for vermelha à semelhança da escarlata ou do carmesim, e estiver como que ensanguentada pelos próprios crimes, tornar-se-á branca e pura como cândida lã ou neve. (Is. I, 18)

Mas, por outro lado, Jesus acrescentou: “os pecados serão retidos a quem os retiverdes”. Quer isto dizer que só no Sacramento da Confissão, que se pode conseguir o perdão dos pecados, porquanto se aí forem retidos, se aí não forem perdoados, não há outro meio de alcançar-lhes o perdão.

E aqui vem a ponto explicar melhor o que já vos dissemos acerca do arrependimento ou contrição perfeita, pela qual se pode também conseguir o perdão de todos os pecados.

É de direito natural que o perdão se consiga pelo arrependimento: quem não se arrepende, não quer, nem pode ser perdoado. Este arrependimento, ademais, deve ser, não tanto pelo mal que o nosso crime nos causou, quanto pelo mal que com ele causamos ao próximo.

Assim também nas nossas relações com Deus. Se Nosso Senhor não tivesse instituído o Sacramento da Confissão, o único meio de alcançarmos o perdão dos nossos pecados, seria o arrependimento, não tanto, como já vimos, das desgraças, que o pecado nos acarreta, quanto da injúria, que com ele fazemos à Majestade Divina, tão santa e amável.

Mas tendo Jesus instituído o Sacramento da Confissão, como único meio de alcançarmos o perdão dos pecados mortais, está claro que a contrição perfeita ficou subordinada ao sacramento, e não tem lugar nem valor, senão no caso de impossibilidade da Confissão, e unida ao voto ou desejo de confessar-se.

Quem pode confessar-se e não quer, esperando o perdão pela contrição, a sua contrição é falsa, irrita e nula.

Aí tendes o maravilhoso poder, que Jesus conferiu aos seus apóstolos. Quando o Messias, ainda em sua vida terrena, perdoava os pecados, murmurava os judeus, dizendo: “Quem pode perdoar os pecados, senão Deus só?” E tinham razão, mas ali estava Deus (Marc. II, 7).

E este Deus, que pode perdoar os pecados, pode também transmitir e transmitiu o mesmo poder aos homens, isto é, aos apóstolos.

É visto como Igreja de Cristo não ia durar apenas o tempo da vida dos apóstolos, é evidente que este poder, como todos os outros, necessários à manutenção ordinária da mesma Igreja, passaram automaticamente aos seus legítimos sucessores, que são os bispos e sacerdotes, atuais ministros do Sacramento da Confissão.

CONFISSÃO E INFERNO

O poder de perdoar e reter os pecados chama-se também “poder das chaves”, porque o Nosso Senhor, quando o prometeu a Pedro, lhe disse: “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus”. (Mat. XVI, 19).

E este poder aos apóstolos, tão logo lhes foi conferido, começaram a exercê-lo, conforme se vislumbra já em vários tópicos do Novo Testamento, e se depara claramente em monumentos os mais antigos da tradição católica.

Assim, por exemplo, nos dois venerandos documentos da antiguidade cristã, que são os livros “Didaquê” ou doutrina dos doze apóstolos, e “Pastor”, cujo autor Hermas viveu certamente pelo meado do segundo século da nossa era.

Assim, nas velhas páginas de Tertuliano, de S. Cipriano, de Orígenes e outros, até os esplendores do século IV, em que a inspirada sabedoria dos Santos Padres firmou a doutrina da Igreja sobre o Sacramento da Penitência.

E bem se pode dizer que, apesar de ser talvez a Confissão o sacramento, que mais irrite os orgulhos da natureza humana, nunca houve contra o mesmo, controvérsias de maior monta, até que os Doutores Escolásticos o ilustraram com as suas luzes meridianas, e o Concílio Tridentino definiu em anátemas imortais, a verdade perene sobre quanto importa crer, a respeito de tão salutar e santo dogma.

Só ao depois, e tardiamente, é que racionalistas, protestantes e modernistas, apostados satanicamente em destruir até em bases do credo católico, se lembraram de fantasiar seus argumentos, contra os princípios dogmáticos da Confissão e sua existência na primitiva Igreja.

Nem é de admirar que insurjam contra este Sacramento, com todo o arsenal de suas diabólicas armas, as Portas do Inferno, ou seja, o Poder das Trevas: *Potestas Tenebrarum* (Luc. XXII, 53).

A Confissão é a única força capaz de arrancar as almas imortais, às suas garras aduncas e eternas. E se fosse bem praticada, nunca mais cresceria a população do inferno, nem o reino de Satanaz. Que alívio para a humanidade!

O demônio permite aos seus apaniguados, que professem a vida católica, até a porta do confessionário: basta que não entrem. Folga

mesmo de que frequentem igrejas, Missas e procissões, de que se alistem nas Irmandades e associações religiosas, de que gozem a intimidade dos vigários, de que conheçam bem a vida financeira e social das paróquias, de que coadjuvem coletas e quermesses. Uma coisa só lhes proíbe: a boa Confissão.

D'aqui as mentiras inventadas contra o Sacramento da Confissão, a começar pela sua própria origem, que pretendem atribuir aos homens. Já vimos, porém, no evangelho, a sua instituição divina. Só um Deus, aliás, podia instituir a Confissão. Se a Confissão fosse invenção dos homens, já teria, de há muito, desaparecido da face da terra.

D'aqui também as calúnias, que levantam contra a própria moralidade da Confissão, sem se lembrarem de que, não somente homens, mas distintíssimas matronas e donzelas encontram na Confissão, o ambiente espiritual e celeste, em que se lhes preserva do contágio mundano, o lírio da santidade.

Consignemos, pois, mais esta prova do caráter divino do sacramento da Confissão: o ódio do Inferno contra ele.

CONFISSÃO E FELICIDADE ETERNA

Admiremos agora, irmãos e filhos caríssimos, o tesouro, que é o Sacramento da Confissão para as nossas almas. Foi o homem criado, como sabeis, para a felicidade, a qual deveria começar no paraíso terrestre, e consumir-se no paraíso celeste. Mas os nossos primeiros pais, cometendo o pecado, perderam ambos estes paraísos de delícias e atraíram sobre si todas as desgraças, inclusive a morte.

E nós, seus descendentes, herdamos todas essas tristíssimas miséria. E estaríamos para sempre perdidos no fogo do inferno, se Deus, na sua infinita misericórdia, não tivesse decretado salvar a humanidade, pela Encarnação, Paixão e Morte do seu Divino Filho.

Jesus, nosso piedoso Salvador, morrendo por nós na cruz, resistiu-nos as promessas e esperanças do paraíso celeste; mas o paraíso terreal, perdemo-lo para sempre, e a terra converteu-se, de paraíso que era, num vale de lágrimas.

Este vale de lágrimas é o estagio ou tempo de prova que Deus nos concede para reconquistarmos o paraíso celeste.

Nós, por nós mesmos, nada podemos a este fim; porém, Jesus nos oferece a sua graça, que nunca falta. Esta graça por sua vez, nada pode fazer por nós, sem o nosso concurso. O que nos salva é a graça de Deus com a nossa cooperação: *gratia Dei mecum*, como ensina São Paulo (1 Cor., XV, 10)

Quer isto dizer que a reconquista do céu está em nossas mãos, depende da nossa vontade. Ninguém, nem Deus, pode levar-nos para o céu, ou lançar-nos no inferno, contra a nossa vontade.

Quando de fala do inferno, dizemos logo, que não queremos nele cair. Dizemos com a boca, mas contradizemos com as obras, com os nossos pecados mortais, essencialmente voluntários, com a nossa voluntária vida pecaminosa.

Em suma: nada pode impedir a nossa felicidade eterna, senão a nossa própria vontade, consentindo no pecado mortal.

Donde se segue que todo o tratado filosófico da nossa felicidade eterna, se reduz a essa simples argumentação: Nada nos pode privar do céu, senão o pecado mortal. Nada nos pode nos livrar do pecado mortal, como já vimos, senão o Sacramento da Confissão. Logo a nossa felicidade eterna depende da Confissão.

Tal o valor decisivo da Confissão, na solução do magno problema da nossa eterna felicidade.

CONFISSÃO E FELICIDADE TERRENA

Mesmo, porém, nesta vida, a Confissão é fonte limpidíssima de felicidade para as almas.

S. João Bosco, que foi um heróico apóstolo da Confissão, refere-nos à ingênua alegria dos seus rapazinhos, depois de terem feito uma boa confissão, a ponto de não se contentarem de beijar-lhe a mão, mas quererem também, no auge do reconhecimento, beijar-lhe os pés. Um deles lhe disse, por entre lágrimas de consolação: “feliz de mim, se no passado, tivesse aberto os olhos, como nesta tarde! E foi o senhor quem nos abriu”. E se afastou soluçando.

A esse respeito da Confissão, como fator pedagógico, declarou o mesmo santo educador: “Fala-se embora, quanto se quiser, a respeito dos vários sistemas de educação; eu, porém, não acho nenhum fundamento seguro, a não ser na frequência da confissão e da comunhão, e creio não dizer muito, afirmando que omitidos estes dois elementos, está banida a mesma moralidade.”

E quem não se lembra da profunda comoção e alegria do nosso grande Joaquim Nabuco, quando, após uma longa vida, afastadas das práticas religiosas do catolicismo, aproximou-se do confessionário? A primeira vez foi em Londres: pediu a N. Senhora das Dores que o ajudasse no solene passo, e ajoelhou-se no tribunal das divinas misericórdias. “Levantei-me alegre, escreve ele, contente de mim mesmo, a vida parecendo-me digna de ser viver e o verde da folhagem do Parque, radiante de simpatia comigo. A impressão é divina; pode

apagar-se, mas está em mim, renová-la sempre, e enquanto dura, a alma sente-se alada.”

Outra vez foi na matriz de S. João Batista da Lagoa, no Rio de Janeiro. Sentiu ali todo o peso salutar do arrependimento, e no dia seguinte, tendo feito a santa comunhão, deixou também gravadas estas impressões: “Graças a Deus, das cinzas da minha fé, pude tirar a pequena lâmpada, que hoje acendo em honra do Cristo em meu coração e que alumiará a minha morte. Estou grato pelo recolhimento, com que recebi o sagrado corpo de Deus, e espero que Ele se disseminará como alento, por todo o meu ser desanimado, e como luz, pelo abismo, que eu trazia dentro de mim!”

Bem se compreende, aliás, assim seja, porquanto o efeito próprio da Confissão é a paz da consciência. Pecado é desordem, desordem nas relações com Deus, com o próximo e conosco. Ora, a desordem perturba, assim como a ordem tranquiliza, produzindo no espírito, essa flor divina da paz, cujos perfumes são a esperança e a alegria.

Fingiram os pagãos as suas castálias e hipocrenes, que jorrando dos montes consagrados às musas, eram as fontes da poesia. O cristianismo tem a sua verdadeira fonte da felicidade, que é o sacramento da Confissão, a qual, manando dentre os mistérios do monte Calvário, comunica a paz às consciências e alegrias aos corações.

NÃO BASTA CONFESSAR-SE

Para experimentar, porém, os benefícios divinos da Confissão, não basta confessar-se bem.

E aqui vem de molde, uma curiosa observação de S. Agostinho, quando disse que Jesus fez tudo bem, *omnia bene fecit*, para inculcarnos que mais lhe agradam os advérbios, do que os verbos: *Plus amat adverbia, quam verba* (Marc. VII, 37).

Ele nos manda, não só “fazer o bem, mas fazê-lo bem”. Não só viver a vida cristã, mas vivê-la dignamente. Não só receber os sacramentos, mas recebê-los devidamente. E de um modo geral, tratar santamente as coisas santas: *sancta sancte tractanda sunt*. Como se vê, são os advérbios que aí dão realce a tudo. Assim, também, não basta confessar-se, é preciso confessar-se bem. E a grande desgraça do mundo, não é tanto não confessar-se, quanto confessar-se mal.

Santa Teresa, a gloriosa madre do Carmelo, teve uma visão, em que se revelou que mais almas caem no inferno por se confessarem mal, do que por não confessarem.

Confessar-se mal quer dizer confessar-se sem fé, sem convicção, sem boa vontade, sem dor, sem propósito, sem integridade, calando

voluntariamente pecados graves. Assim se converte o divino remédio em veneno, o ósculo da paz em maldição, e o sacramento em sacrilégio. Confissão em tais condições é a coisa mais insulsa e molesta do mundo. E natural é que deixe no espírito de quem assim se confessa, um crescente aborrecimento, que o arredará sempre mais, do Sacramento, que salva. Antes, mil vezes, não confessar-se mal! Se, pois, alguém não tem boa vontade de confessar-se, que não se confesse. Medite antes, nestas verdades da fé.

Em primeiro lugar, a fé nos lembra que, se temos o pecado mortal na alma, estamos à beira do inferno, e o inferno é inferno, abismo eterno de fogo, aonde a morte pode precipitar-nos de um momento para o outro, e se fecharão sobre nós as portas eternas, e só nos restará ouvir, por entre os estertores dos réprobos, a monotonia infinita do relógio da eternidade, a bradar-nos sem cessar: Sempre! Nunca! Nunca! Sempre! Sempre fogo! Nunca um alívio! Sempre a cólera divina! Nunca uma benção! Sempre a raiva dos demônios! Nunca um sorriso da Virgem Maria! Sempre o desespero! Nunca uma flor de esperança! Ó Deus! Que horror!

Entretanto, uma boa confissão pode transformar, num instante, todo esse quadro tétrico e formidável. Ela fecha, a nossos pés, o bártaro de fogo, e abre sobre nossas cabeças, o céu estrelado das esperanças cheias de imortalidade. Encontramos para o confessor, como demônios, e feita uma boa confissão, de lá saímos, como anjos, filhos de Deus, herdeiros do céu, reabilitados e reconfortados, prontos e lesto para a luta pela vida, pelo dever e pela honra. Que poder mágico da Confissão!

CONFESAR-SE BEM

Em segundo lugar, a fé nos lembra que no sacramento da Confissão, não tratamos com os homens, mas sim com Deus. O homem é aí apenas um representante de Deus, seu ministro e instrumento.

O nosso primeiro confessor é Deus, tanto assim que rezamos: “Eu, pecador, me confesso a Deus todo poderoso”. E quando o confessor nos absolve, diz: “Que o Senhor Jesus Cristo te absolva, assim como eu, em nome dele, te absolvo”.

Por isso é que o sacramento da Confissão obriga a todos, fiéis, sacerdotes, bispos e papas. O célebre padre Ventura de Ráulica, que esteve algum tempo como confessor de Pio IX, declarou que nunca sentira tanto a verdade da instituição divina da Confissão, como quando viu de joelhos a seus pés, o santo Padre, a confessar humildemente os seus pecados.

Inútil, portanto, querer enganar o confessor, porque Deus não se engana. O confessor pode levantar, quantas vezes quiser, a mão para absolver-nos, mas se Deus vê que não estamos preparados, não homologa a sentença do seu ministro.

Devemos, pois, empenhar-nos, quanto podemos, em confessar-nos bem.

A este fim, como ensina o catecismo, se requerem e bastam cinco coisas, que bem se podem simbolizar nos cinco dedos da mão: exame de consciência, dor, propósito, confissão e satisfação. Deixamos aos nossos vigários e catequistas o cuidado de explicar-vos minuciosamente estes requisitos. Queremos aqui apenas chamar a vossa atenção para três pontos mais importantes.

Primeiro, a dor: é lei natural que não se possa conseguir o perdão, senão pelo arrependimento, ou seja, pela dor. Não se trata aqui de dor física ou sensível, mas de uma dor espiritual da alma, *animi dolor*, como se exprime a Igreja, um profundo pesar de ter perdido o céu e merecido o inferno. Confissão sem dor é o mesmo que Batismo sem água: completamente nula.

Vem em seguida, acompanhando a dor e dela inseparável, o propósito. Quem se arrepende do que fez, propõe não mais fazê-lo. Quem lhe pesa da vida que leva, propõe abandoná-la.

Eis a razão pela qual, os que se acham em estado permanente de pecado, os que cooperam em seitas ou sociedades condenadas pela Igreja, os que vivem unidos só pelo contrato civil, ou simplesmente amasiados etc... e não querem ou não podem, no momento, mudar de vida, não podem tão pouco confessar-se e ser absolvidos. Falta-lhes o propósito.

Finalmente a confissão, que outra coisa não é, senão a acusação dos próprios pecados, deve ser íntegra e humilde. Ocultar, por vergonha e própria culpa, um só pecado mortal, é profanar o sacramento, perpetrar, como já dissemos, um sacrilégio, e agravar o estado do penitente.

Esta é a parte mais humilhante da Confissão, porém muito racional e benévola.

O pecado é um ato de soberba, em que colocamos, acima da vontade de Deus, a nossa própria vontade. É muito razoável e justo, portanto, que Deus imponha a reparação dessa injúria, com nossa humilhação. Esta, porém, podia ser muito maior, se Deus exigisse, por exemplo, a confissão pública. Ao contrário, inventou e inspirou à sua Igreja, a confissão auricular e a cercou, não só do segredo próprio de toda ética profissional, senão também de um sigilo sagrado, sobre o qual, como atesta a história, vela especialmente a sua Providência.

Escutemos a este respeito, a palavra de um técnico e especialista da Confissão, qual foi S. João Bosco: “Nosso Senhor já permitiu toda espécie de delitos. Permitiu que Judas o traísse, que Pedro o negasse, que padres se fizessem protestantes; porém, nunca jamais permitiu que um confessor dissesse mínima das coisas ouvidas em confissão.”

LOUVORES DA CONFISSÃO

Ao considerarmos tantas maravilhas, irrompe-nos, espontâneo, do coração, um cântico de louvor. Ó Sacramentos da Confissão! Quem nos dera celebrar-te os louvores, como merece, tu que brotastes das cinco chagas do Salvador, de *fontibus Salvatoris* (Is. XII, 3), para purificar as cincos e mais partes do mundo, rio divino de sangue, sangue virginal de Maria divinizado pela união hipostática do Ver, Filho de Deus!

As pias sacras do Batismo nos regeneram e salvam uma só vez; tu, porém, és um Batismo perene, em cujas águas lustrais, podem as almas imergir-se, quantas vezes precisarem e quiserem.

Naamã, o general sírio, teve que deixar os rios da terra natal e buscar o longínquo Jordão, para limpar sua lepra: tu és o nosso misterioso Jordão, que flues em toda parte, para curar a lepra dos nossos pecados e restituir-nos a mimosa pureza da infância.

Ó maravilhoso rio, que assim banhas e enriqueces a Igreja de Deus, muito melhor que os famosos rios do paraíso terrestre, correndo embora em regiões opulentas de ouro e pedras preciosas!

E quem poderá conter as lágrimas, ao pensar que o sangue das tuas correntes, fomos nós que derramamos, que sangue do nosso Redentor, o qual, como ovelha mansa, que lambe e acaricia as mãos de quem sangra, transformou esse sangue, tão criminosamente vertido, sem sacramento de redenção e de vida, num como um rio de paz, *quasi fluvium pacis* (Is. LXVI, 12), para os seus próprios assassinos! Ó Jesus! Ó Salvador!

Os rios de Babilônia continuam arrastando as almas à perdição eterna; tu, ao contrário, rio vermelho da saúde e da imortalidade, tens a missão de levá-las ao céu, à infinita bem aventurança, tu que reavivas a fé, despertas a esperança e ressuscitas o amor; tu que enfloras de exímias virtudes, o exílio deste vale de lágrimas, onde, graças a ti, não penduramos aos salgueiros, como os filhos de Israel, as nossas cítaras, mas podemos cantar e cantamos, à beira das tuas sacratíssimas ondas, preludiando as harpas imortais da celeste Sião, nossa pátria! Bendito sejas tu!

CONFISSÕES À HORA DA MORTE

Donde se vê, irmãos e filhos diletísimos, quão pouco reconhecidos são os que desprezam a Confissão sacramental, e a relegam para a hora da morte!

Assim é que se agradece esse dom inefável, com que Jesus parece ter esgotado os recursos da sua misericórdia, para salvar a todos e a todos fazer eternamente felizes?! Ó insensatez dos homens! Ingratos para com Deus! Cruéis e desumanos para consigo mesmo!

Porquanto, quem nos assegura que poderemos confessar-nos naquele derradeiro instante? Quantos morrem repentinamente! Quantos perdem os sentidos! Quantos não encontram o confessor! Bem justo é, diz Santo Agostinho, que aqueles que não quiseram confessar-se, quando podiam, não possam, quando quiserem.

Além disso, confissões à hora da morte, são confissões pela hora da morte. Confissões de doentes são confissões doentias. Confissões de moribundos são confissões sem vida nem fruto.

Contudo, não queremos nem podemos por limites à misericórdia de Deus, o qual, entretanto, parece ter-nos prevenido do perigo de protelar assim a confissão, naquela cena do Calvário, em que fez morrer, crucificados com Jesus, dois ladrões: ambos ao lado de Cristo Salvador, ambos contemplando os prodígios da morte de um Deus, ambos nas melhores condições de salvar-se. Tudo isso não obstante, somente um se confessa e salva-se; o outro não se confessa e morre impenitente.

D'aqui a palavra de S. Bernardo: *Unus, ne desperes; unus, ne confidas*. Ao menos um se salva, para que não desesperes; mas somente um, para que não confies, aguardando a hora extrema.

Assim é que todos, quando nada, deveriam conformar-se ao espírito da Igreja, e confessar-se ao menos uma vez cada ano. É muito pouco, mas é o que exige a Igreja, para reconhecer-nos por bons filhos e bons católicos. Quer isto dizer que obedecendo a Igreja, durante a vida, com uma boa confissão anual, Deus providenciará para que também na hora da morte, possamos confessar-nos bem.

O ideal, porém, é amiudar as nossas confissões, várias vezes a ano, uma vez por mês, e até por semana, como usam as almas piedosas.

A razão é que a Confissão não serve apenas para perdoar os pecados mortais, mas purifica também as nossas venialidades e faltas quotidianas. É uma nova piscina probática, cujas águas os anjos revolvem continuamente, para nos curarem de todas as enfermidades, das cegueiras da razão e da fé, da surdez às inspirações divinas, da

mudez na oração, dos languores, entraves e paralisias na prática da vida cristã, comunicando-nos assim um grande potencial de luz e força, que nos faz vencer todas as situações, mesmo aquelas, que dantes se nos afiguravam desesperadoras. *Deo gratias, semperque Deo gratias!*

RESUMO E CONCLUSÃO

Tempo é, porém, de resumirmos e concluirmos nossos pensamentos.

Entramos no mar dourado da vida cristã, pelo bergantim florido da inocência, em que nos coloca o sacramento do Batismo. E nele navegamos inocentemente as enseadas azuis e tranquilas da infância; mas eis que, em chegando ao mar alto e bravo da juventude, onde imperam as tempestades das paixões humanas, é quase fatal o naufrágio, e somos atirados pelo pecado mortal, ao abismo das ondas, expostos aos tubarões e monstros marinhos, sem esperança de reembarcar no baixel da inocência, porque esta se perde uma só vez e para sempre.

Que seria de nós, se a misericórdia infinita de Deus não tivesse providenciado outra taboa de salvação, outra barca, onde pudéssemos continuar a viagem da nossa vida terrena até o porto feliz da salvação eterna? Estaríamos perdidos para todo o sempre. Esta segunda tabua de salvação, estoutra barca, é justamente o sacramento da Confissão, também chamado Batismo laborioso, porque a ele vamos pela dor e contrição, Nau da Penitência, donde infelizmente, podemos ainda ser arrojados ao pélagos, pelo pecado mortal, mas para onde podemos também voltar pelo arrependimento, todas as vezes que quisermos.

Vede, pois quantas ações de graças devemos a Nosso Senhor, pela instituição do sacramento da Confissão. A eternidade inteira não bastará para lhas rendermos condignamente.

O maior dos sacramentos é, por certo, a Eucaristia, porque não só nos confere a graça, mas contém o próprio Autor da graça, sendo, como é, a presença real de Jesus na Hóstia consagrada. Mas a Eucaristia, uma vez que caímos em pecado mortal, de nada nos valerá, sem o sacramento da Penitência, que a ela nos prepara.

Assim é que sentimos a necessidade de dizer a cada um dos nossos diocesanos: "Meu caro filho, daríamos por bem empregados todos os trinta e mais anos do nosso ministério pastoral, se nada mais fizessemos, senão ensinar-te eficazmente a amar o sacramento da Confissão e a bem usar dele por toda a vida. Porquanto, se assim não fizeres, perderás a tua alma para sempre. Se assim fizeres, salvá-las eternamente. E o teu arcebispo terá cumprido a sua missão. Lembra-

te, filho meu, destas palavras, em todos os dias da tua existência: *Horum memento, fili mi, verborum.*”

Com esta exortação, em que se resume o almejado fruto do nosso Congresso Eucarístico, encerramos a presente Carta Pastoral, que será, como de costume, explicada aos fiéis e arquivada.

Digne-se o Bom Jesus, por intercessão da sua Virgem Mãe Santíssima, abençoar estas páginas, assim como nós, do mais íntimo da alma, vos damos a bênção de Deus todo poderoso, *in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen!*

Dada e passada nesta cidade de S. Paulo, aos 7 de outubro, Festa de Nossa Senhora do Rosário, em 1952.

Francisco

Arcebispo Metropolitano

ETERNO DOM AQUINO

UM ROTEIRO TURÍSTICO EM CUIABÁ

Michelle Sadovski Bittencourt¹

Elaine Cristina Paniago Rodrigues²

Sônia Regina Romancini³

Sob os flabelos reais de mil palmeiras,

Tão verdes, sobranceiras

E lindas como albuves não as há,

Sobre alcatifas da mais verde relva,

Em meio a verde selva,

Eis a "cidade verde": Cuiabá!

(A "Cidade Verde" - Dom Aquino Corrêa)

Este artigo tem como objetivo evidenciar na cidade de Cuiabá alguns lugares que foram significativos para Dom Aquino e, a partir deles, propor um roteiro turístico com a finalidade de encontrar aspectos da história e da memória desse ilustre cuiabano que se destacou na vida política, religiosa e intelectual. Um homem definido por aqueles que lhe compartilharam a existência como sábio, elegante e sacerdote exemplar.

Essa proposta foi motivada pela importância que atribuímos aos marcos da cidade e suas referências com a trajetória de vida de Dom Aquino, o que lhe confere singularidade e identidade. Nesses espaços, muitos dos quais abrigam novas funções, transcendemos o tempo e encontramos a presença de Dom Aquino a nos transmitir seus valores e seu amor por esta cidade.

Inicialmente, abordaremos alguns aspectos teóricos da prática do turismo e suas relações com os lugares marcados pela religiosi-

1 Turismóloga. Possui aperfeiçoamento em Turismo, Patrimônio e Desenvolvimento Regional pela UFMT.

2 Graduanda em Geografia pela UFMT. Bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET/Geografia.

3 Professora Doutora do Departamento de Geografia da UFMT. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

dade. Em seguida, propomos um roteiro de visitação que pode ser realizado por grupos de turistas ou excursionistas⁴, por estudantes e pelos cidadãos que queiram vivenciar a experiência de passar algumas horas recordando a trajetória de Dom Aquino e os lugares que lhe foram muito caros.

UM TURISMO QUE PRIMA PELO RELIGIOSO E PELO CULTURAL NA CIDADE

As práticas religiosas são muito anteriores ao turismo, após algum tempo, esse fenômeno passou a influenciar o mundo religioso (OLIVEIRA, 2004).

Para Oliveira, o turismo religioso está implícito desde os primórdios da própria “atividade turismo”. Arthur Houlot apresenta a possibilidade do termo *tur* ser de origem hebraica e ter sua primeira referência na Bíblia, quando Moisés enviou um grupo de representantes às terras de Canaã para visitá-la e informar-lhe a respeito dessas terras (OLIVEIRA, 2004).

Apesar dos romanos serem considerados os antecedentes remotos do turismo, sendo os primeiros a viajar por prazer nos anos 27 a.C., foram também os romanos que entre os séculos II e III peregrinavam a Jerusalém para a construção da Igreja do Santo Sepulcro pelo Imperador Constantino, no ano de 326. Nesses mesmos séculos iniciaram a prática de viagens religiosas, elas possuíam o intuito de encontrar-se com “Servos de Deus” a fim de buscar conselhos, os fiéis visitavam igrejas, santuários e locais por onde Cristo e seus discípulos passaram, viveram e morreram (ANDRADE, 2000).

A partir do século VI as peregrinações religiosas dos cristãos para Roma e Jerusalém e dos maometanos para Meca predominaram. Durante a Idade Média a “mola propulsora” das viagens continuou sendo de interesse religioso. A descoberta do túmulo de São Tiago Maior em Patrón na Espanha, em 813, foi mais um motivo para que a cidade de Santiago de Compostela, no norte da Espanha, fosse para os cristãos da Idade Média o mais importante lugar de peregrinação, depois de Roma e Jerusalém (OLIVEIRA, 2004).

Com a queda do Império Romano na Idade Média, a sociedade se dividiu em três: a nobreza que fazia guerra, o clero que justificava os cristãos e os servos que trabalhavam para os senhores feudais. Como a agricultura era a economia que prevalecia na época e cada

4 Excursionista é um visitante temporário que permanece menos de vinte e quatro horas fora da sua residência habitual com finalidades próximas à atividade turística. Também conhecido como visitante de um dia.

feudo era auto-suficiente o deslocamento para fora dos feudos não existia. Isso fez com que as peregrinações para Santiago de Compostela aumentassem e foi escrito, por um francês, o primeiro guia turístico impresso na história, que orientava como chegar a Santiago pela França (OLIVEIRA, 2004).

Desde essa época até os dias atuais as viagens por motivos religiosos vem se multiplicando, o que diferencia das primeiras é que hoje em dia o lugar não precisa ser necessariamente uma igreja, basta ser um espaço que o indivíduo considere sagrado, que ele próprio o construiu em função da sua fé (ROSENDAHL, 1999).

Segundo Andrade (2000), a realização de visitas a lugares que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, denomina-se turismo religioso. Oliveira (2004) ressalta que é um fazer turístico capaz de manifestar algum dado da religiosidade.

TURISMO RELIGIOSO NO MUNDO

As muitas viagens realizadas pelos romeiros e maometanos levaram a criação de hospedarias nos caminhos que levavam a Roma e cidades próximas. Em 313, desde o Édito de Milão, Roma torna-se o mais importante polo receptivo de turismo religioso, no Ocidente independente de religião (ANDRADE, 2000).

Roma até hoje é vista como o destino mais popular, com sua grandiosidade e reputação conservadas como um dos maiores centros culturais do mundo, cuja economia é extremamente dependente do turismo religioso. A história permeia todos os recantos da magnífica cidade de Roma, conhecida como a Cidade Eterna.

Os lugares mais visitados no mundo com intuito religioso, além de Roma, são Meca, Benarés, Jerusalém, Belém, Santiago de Compostela, Lourdes, Fátima, Medjugorie, Assis, Aparecida, Juazeiro, Iguape, Pirapora de Bom Jesus, Nova Trento, entre outros.

A cidade de Fátima como já citada também vem se mostrando no mercado religioso. O acesso aos pacotes de peregrinação a santuários tem fechado acordos com empresas de turismo como a Sabre Holdings, que é dona de empresas de turismo temático. No ano de 2007, ela deu início a serviço próprio de voo fretado de peregrinação para ajudar a conter os preços e superar as limitações espirituais da viagem moderna, que tendem a disparar as pessoas como torpedo de um lugar ao outro. A decoração de tema bíblico do interior do avião e comissários de bordo especialmente treinados visam contribuir para a meditação.

Outro país que tem sido um forte concorrente de Roma, não só em estrutura, mas também em atrativos reunindo mais de 10 mil locais abertos para visitação é a França. O país re une um rico patrim nio histórico-religioso. Cerca de 52% dos 10 mil edifícios religiosos são considerados paradas obrigatórias para os peregrinos.

TURISMO RELIGIOSO NO BRASIL

As festas religiosas brasileiras têm sua origem no calendário de romarias e devo es aos santos de Portugal, herança com novos tons, com influência dos índios, dos negros e dos imigrantes.

As festas religiosas que impulsionam os deslocamentos para os santuários, para pagamentos de votos e promessas, é a movimentac o que promove o turismo religioso no Brasil, como Aparecida em São Paulo, Trindade no estado de Goiás e Juazeiro do Norte no Ceará.

Aparecida oferece aos visitantes toda a infraestrutura necessária para o turismo. São mais de 110 hotéis e quase 400 bares e restaurantes espalhados pela cidade, além da Secretaria de Turismo Municipal, que presta serviços de informa o  s centenas de turistas que a visitam diariamente. Considerado o maior santuário mariano do mundo, recebe anualmente cerca de 7 milhões de romeiros. Em outubro, quando se comemora o dia da Santa, a cidade chega a receber uma quantidade seis vezes maior que sua popula o local. São mais de 200 mil fiéis de todo o país que viajam em busca da b n o da Padroeira do Brasil. O local mais visitado é a Catedral Basílica de Nossa Senhora Aparecida, também conhecida como Basílica Nova ou Santuário Nacional.

Outro destino religioso que se destaca no Brasil   Nova Trento, em Santa Catarina. Cerca de 30 mil peregrinos visitam a cidade todos os meses. É na localidade de V golo, em Nova Trento, que estão os principais atrativos turísticos que se relacionam à vida de Santa Paulina. Madre Paulina, quatorze anos depois de sua morte, foi beatificada após confirmarem as graças alcançadas pelos seus fiéis. Além da visita o   cidade onde morou a santa, o visitante pode conhecer a grandiosa Basílica de Santa Paulina com capacidade para 6.500 pessoas. Além de contemplar a Igreja Matriz no centro da cidade, o Calvário no bairro de Trinta Reis e a Capela Santa  gata, primeira igreja construída no município. Nova Trento conta ainda com mais de 40 oratórios e capelas.

Na Colina da Madre, antigo local onde a santa praticava retiros espirituais, existe uma réplica da casa onde viveu durante boa parte da sua vida. Além disso, os peregrinos podem visitar o Museu da

Beatificação, onde estão guardados os objetos pessoais, e o Museu da Canonização, com todos os documentos, fotos e homenagens que a religiosa recebeu até ser canonizada.

No Brasil, as regiões Sul e Sudeste se destacam pelo desenvolvimento de roteiros religiosos. Na cidade de Garibaldi-RS existe um projeto chamado Rota Religiosa “*Ae Ternum*” que em latim significa eterno. Esse roteiro possui de igrejas importantes para a história daquela comunidade até conventos e cemitérios.

O estado da Bahia, com apoio de empresas governamentais está investindo fortemente em obras que fortaleçam a infraestrutura da orla marítima, onde há grande concentração de atrativos religiosos. Salvador como cidade de todos os santos se destaca com os seus mais de 20 atrativos turísticos relacionados com alguma devoção. O interessante é que os investimentos são para um turismo religioso considerado diferente dos demais, a origem africana é forte no local, por isso o governo está apostando em um roteiro rico em identidade cultural, disseminando o candomblé, a umbanda e outras relacionadas com essa cultura.

ROTEIROS

Os roteiros são itinerários de visitação organizados, uma sequência de atrativos a serem visitados. Nos dicionários brasileiros de turismo, itinerário é um descritivo detalhado de um caminho a percorrer. O objetivo de um roteiro é valorizar os aspectos culturais de uma região, valorizando a identidade regional e a inserindo no processo do turismo.

Os roteiros turísticos são classificados em roteiros emissivos e receptivos os primeiros são aqueles que são elaborados por operadoras e agências de viagem do polo emissor que utilizam atrativos importantes suficientes para motivação da viagem e os roteiros receptivos são elaborados por operadoras e agências do polo receptor adaptados às expectativas gerais dos turistas.

Além da classificação, os roteiros são reconhecidos como três tipos: o roteiro padrão que é um intercâmbio entre o profano e a sacralidade, um roteiro que independe de credo, os turistas que o realizam não são motivados somente pela crença, mas também por algo mais que os interessa no evento; os roteiros rituais, chamados assim por se tratar de um roteiro que depende de uma encenação simbólica, um movimento feito por peregrinos, como procissões, cortejos e trajetos a santuários e o roteiro de espetáculos, que tem apelo artístico, cultural e econômico, favorecendo a revitalização patrimonial da localidade (OLIVEIRA, 2004).

Segundo o Ministério do Turismo, para que os roteiros de turismo existam, de forma competitiva no mercado, devem ser especificados de forma que se segmente tal potencial. Essa segmentação teria o papel de planejar e gerir o turismo para que este se torne um produto. Ele seria o embasamento estrutural do produto.

Um roteiro, como qualquer outra ação, deve ser monitorado e avaliado desde seu projeto a sua implantação. Para a Organização Mundial do Turismo (OMT), os três impactos que devem ser cuidadosamente analisados são os ambientais, socioculturais e econômicos. Os primeiros são erosão, devastação do local. O segundo que o aumento do movimento no local pode acarretar a criminalidade, e a descaracterização do local, e por último a majoração dos preços dos serviços.

No entanto, quando se elabora a criação de um roteiro, analisando criteriosamente o produto, tem-se uma prévia de quais serão os resultados. A identificação do potencial, a qualificação dos serviços turísticos, a capacitação dos atores do turismo é de suma importância para que o roteiro surja de uma forma que se consolide no mercado.

ROTEIRO E TURISMO RELIGIOSO

As muitas romarias, procissões, encontros que acontecem no mundo inteiro denotam o quanto a religião implica nas decisões sociais da humanidade. Isso tem crescido de uma forma exorbitante e esse crescimento deve-se ao *marketing* e promoções feitos pelos comerciantes dos locais onde se tem uma demonstração e concentração de fé maior, acionando os agentes turísticos os quais, antecipadamente, começam a comercializar tal potencial (ANDRADE, 2000).

Além da busca contínua de soluções para os problemas, o que leva as pessoas a grandes centros de significado religioso, originando as peregrinações, é também a curiosidade, o misto de religião com prazer, pois nem sempre o turista religioso vai ao encontro de algo celeste, mas sim algo que o faça ficar longe do seu cotidiano.

Essa divisão de religião e prazer acaba desencadeando a discussão de que o turismo religioso não existe, já que pra se fazer turismo, precisa viajar por motivos turísticos, usufruir os produtos e serviços turísticos. No entanto, Oliveira afirma que por turismo religioso entende-se que é um turismo não necessariamente feito por religiosos, e nem em determinados lugares, mas sim conforme a necessidade de cada um. Rosenthal (1999) também explica que as viagens religiosas são consideradas uma tipologia turística.

Os roteiros turísticos constituem a melhor forma de organizar e comercializar determinado produto, como se trata de um público alvo, um roteiro no turismo religioso, apenas facilitaria mais a comercialização desse produto.

ROTEIRO TURÍSTICO PARA UM ENCONTRO COM DOM AQUINO

Salve, meu verde ninho, onde, primeiro,

Contemplei o Cruzeiro

E as alvoradas álcres dos sóis!

Tu tens a cor das oliveiras mansas,

Das meigas esperanças

E das láureas eternas dos heróis!

(A "Cidade Verde" - Dom Aquino Corrêa)

A presente proposta de roteiro para o turismo tem como ponto de partida a Casa Barão de Melgaço, seguida por outros recantos igualmente significativos na cidade de Cuiabá e que estão relacionados à vida de Dom Aquino Corrêa.

Sugerimos aos professores que acompanham grupos de estudantes que elaborem uma cartilha para propiciar a interação dos estudantes com os lugares visitados.

CASA BARÃO DE MELGAÇO

No dia 23 de novembro de 1930, a Casa Barão de Melgaço foi solenemente entregue ao Instituto Histórico de Mato Grosso e ao Centro Mato-grossense de Letras, atualmente denominados de Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) e Academia Mato-Grossense de Letras (AML).

O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso foi fundado por Dom Francisco de Aquino Corrêa, em 1.º de janeiro de 1919 e instalado aos 8 de abril do mesmo ano. Dom Aquino Corrêa, além de fundador foi o primeiro Presidente do IHGMT, no período de 1919 a 1956.

A Academia Mato-Grossense de Letras foi fundada em 7 de setembro de 1921, no Palácio da Instrução, por um grupo de intelectuais, tendo como Presidente de Honra, Dom Francisco de Aquino Corrêa.

A Casa Barão de Melgaço foi tombada nas instâncias federal e estadual, passando a integrar o rico conjunto arquitetônico que compõe o centro tradicional de Cuiabá e que aos poucos está sendo

restaurado e revitalizado por meio do Programa de Recuperação do Patrimônio Estadual.

Segundo Siqueira (2006), ao se adentrar no imóvel, logo à soleira da porta, pode-se sentir o peso de sua tradição cultural. O busto de Augusto Leverger, o Barão de Melgaço dá as boas vindas aos visitantes. O salão nobre possui, em lugar de destaque, belo quadro de Dom Aquino. O local possui uma importante biblioteca com obras raras e/ou preciosas, além de acervo fotográfico, o próprio imóvel em si, objetos preciosos de valor histórico e ainda acervos privados, de família e institucionais que, segundo a autora, constituem a parte mais expressiva do acervo.

CRIPTA DA CATEDRAL

Em frente à Praça da República encontra-se importante espaço sagrado de Cuiabá, a Catedral Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Inicialmente foi construída uma igreja de palha e pau-a-pique, levantada pelo Capitão Mor de Cuiabá, Jacinto Barbosa Lopes. De acordo com Silva (1997), em 1739, o vigário padre João Caetano iniciou a construção de uma nova capela de taipa socada, sem torre, que parecia ampla, pois durante a construção, abrigava a antiga capela.

Em 1771, o padre José Pereira Duarte, com o apoio do padre Passos d'Arco, desenhista e construtor, ergueu a primeira torre em forma piramidal, que se conservou até 1868, quando o arquiteto italiano Tortorelli, desenhou e construiu uma nova torre, com teto em forma de abóbada. Na década de 1920, a Matriz do Bom Jesus passou por uma reforma, ganhando nova fachada, com duas torres, aspecto que foi conservado até a sua demolição, em 1968 (SILVA, 1997).

A nova igreja, que reflete a tendência arquitetônica da década de 1970, é composta por três altares e pela Cripta, que se localiza no subsolo, na posição da torre da igreja onde se encontram o relógio e os sinos. Nela estão sepultados religiosos ilustres da Arquidiocese de Cuiabá.

O local é de acesso livre para a população e a direção da Catedral recomenda que os interessados em visitar a Cripta devem procurar a secretaria da igreja que viabilizará a visita.

Entre as autoridades sepultadas na Cripta, estão os restos mortais de Dom Francisco de Aquino Corrêa, o único arcebispo cuiabano enterrado nesse local, que faleceu em 22 de março de 1956.

MUSEU DE ARTE SACRA - SEMINÁRIO DA CONCEIÇÃO

O Seminário da Conceição, atual sede do Museu de Arte Sacra, foi inaugurado no ano de 1882, é considerado um dos prédios mais antigos e importantes do estado de Mato Grosso. O Seminário da Conceição está localizado no Morro do Bom Despacho ao lado da Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho.

De acordo com dados da Secretaria de Estado de Cultura, ele abrigou a Escola Normal do Estado, um Hospital e a Cadeia Pública. Funcionou como primeiro estabelecimento secundário da província tendo como principal finalidade a escola de formação de seminaristas.

A ligação de Dom Aquino com o seminário, de acordo com Lacerda (2008) começou no ano de 1895:

No ano de 1895, com a idade de 10 anos, ingressou como aluno do Seminário Episcopal da Conceição o jovem Francisco de Aquino Corrêa, futuro Arcebispo de Cuiabá. Estando esse educandário, nessa época, em relativa decadência, foi o jovem Aquino obrigado a complementar seus estudos junto ao Liceu Salesiano São Gonçalo, colégio particular sob orientação da ordem salesiana. Mais tarde, D. Aquino Corrêa, ao deixar o governo do Estado, em 1922, também ali residiu, onde, permaneceu por longos 30 anos. (LACERDA, 2008, p. 148-9).

Atualmente o Seminário da Conceição é sede do Museu de Arte Sacra, possui um grande acervo de obras, onde se sobressaem as que pertenceram a Dom Francisco de Aquino Corrêa. A exposição de obras e bens ligados a Dom Aquino é permanente.

Durante a visita pode-se conhecer as indumentárias utilizadas por Dom Aquino, como o Casulo em tecido acetinado na cor rosa, do século XX, uma Capa Magna de veludo preto, utilizada em missa de corpo presente, as sapatilhas, onde cada cor representa os anos litúrgicos.

As estolas em tecido com extremidades alargadas, com aplicação dourada.

As luvas utilizadas durante as missas em adoração ao Santíssimo.

As escarradeiras de porcelanas.

Escova de dente de Dom Aquino.

Estão em exposição 25 fotos das principais fases da vida de Dom Aquino.

Entre as obras de arte que pertenciam a Dom Aquino estão em exposição: Cristo no Calvário, amparado por Francisco de Assis, do

século XX, O menino Jesus de Praga e um crucifixo em madeira, ambas as obras do século XX.

O Museu de Arte Sacra funciona das 8h ao meio-dia para grupos agendados e das 13h às 18h aos demais visitantes.

SANTUÁRIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA

Devoto de Nossa Senhora, Dom Aquino dedicou-lhe diversos poemas expressando seu amor filial:

*Sobre a pátria morraria
Teu gótico santuário,
Com seu alto campanário,
Que lindo será, Maria!*

*Das tuas bênçãos, ó pia,
Será riquíssimo erário;
No mar do mundo tão vário,
Nosso porto de alegria.*

*À sombra dele as crianças,
Nossas róseas esperanças,
Educar-se-ão, ó Senhora;*

*E os seus sinos, na agonia,
Lembrar-nos-ão, ó Maria,
Que és a nossa Auxiliadora!*

(Dom Aquino Corrêa)

Ao descrever a trajetória de Dom Aquino Corrêa, Cometti (s.d.) relata que um marco de sua passagem pelo Liceu Salesiano foi o lançamento da primeira pedra e o início da construção do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora, em 24 de maio de 1912:

Apesar da pobreza em que se debatia o Liceu, que abrigava grande número de alunos internos gratuitos das Escolas Profissionais, o Padre Aquino, auxiliado pelos seus irmãos salesianos, quis erigir um templo àquela que era a “estrela de sua vida”. Ao afamado arquiteto salesiano, G. Delpiano, confiara o encargo de elaborar a planta de um templo artístico, em estilo neo-gótico. E, em seus sonhos de poeta, antevia no morro fronteiro ao Córrego da Prainha, o templo da Virgem Auxiliadora, o seu sonhado Santuário. (COMETTI, s.d., p. 93)

Segundo Cometti (s.d., p. 94), “a fim de preparar o terreno onde seria erigido o Santuário, o Padre Malan consentiu que 24 índios bororo, dos mais robustos, viessem ao Liceu Salesiano e aí realizassem o colossal trabalho do desmonte do morro, deixando o terreno aplainado”.

O Santuário de Nossa Auxiliadora, localizado na Avenida Tenente Coronel Duarte (Prainha), foi inaugurado em 15 de abril de 1929, pertencendo à Paróquia de São Gonçalo. Além de estar aberto às celebrações da comunidade, tem como objetivo a formação espiritual dos educandos do Colégio Salesiano São Gonçalo.

A principal comemoração do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora é a festa da padroeira, no dia 24 de maio, com procissão e missa solene.

MUSEU DE PRÉ-HISTÓRIA CASA DOM AQUINO

A Casa Dom Aquino, localizada na Avenida Beira Rio, foi construída no ano de 1842, é o local de nascimento de Dom Aquino Corrêa. A casa é considerada um Patrimônio Histórico do Estado de Mato Grosso, possui estilo colonial e um formato de “U”, sua fachada é voltada para o rio Cuiabá que se encontra a poucos metros de distância, sua estrutura conta com 12 cômodos.

A mesma residência também é o local de nascimento de outra personalidade mato-grossense: Joaquim Murтинho, que foi o primeiro ilustre a nascer na residência no dia 7 de dezembro de 1848, já Dom Aquino nasceu no dia 2 de abril de 1885.

Atualmente a Casa Dom Aquino é sede do Museu de Pré-História, inaugurado em dezembro de 2006. O Museu funciona por meio de uma parceria firmada entre o governo, representado pela Secretaria de Estado de Cultura (SEC) e o Instituto Ecossistemas e Populações Tradicionais (ECOSS).

De acordo com a direção do museu a educação, a cultura, a pesquisa e a inclusão social são os principais objetivos do museu e a sua missão é transmitir conhecimentos arqueológicos e paleontológicos aos cidadãos de todas as classes sociais e de diferentes áreas do conhecimento incentivando a preservação dos sítios arqueológicos e paleontológicos, bem como do meio ambiente

O museu possui uma exposição permanente de Arqueologia e Paleontologia e uma reserva técnica de mais de cem mil peças. Os 12 cômodos da casa são divididos em: quatro utilizados para as exposições que são permanentes e os demais são distribuídos em salas para realização de oficinas, escritórios e acervos.

No quintal da Casa do Aquino, o visitante poderá apreciar o rio Cuiabá e nesta paisagem de beleza cênica encerrar o roteiro turístico que o levou ao encontro com Dom Francisco de Aquino Corrêa.

*E quando, livre, pelo azul infindo,
For minha alma subindo,
Possa ela ainda contemplar, meu Deus!
As verdes palmas dos gentis coqueiros,
Como dedos fagueiros,
A dar-lhe, trêmulas, o extremo adeus!*
(A “Cidade Verde” - Dom Aquino Corrêa)

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- COMETTI, Pe. Pedro. **Dom Aquino Corrêa: Arcebispo de Cuiabá** – vida e obra. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, s.d.
- LACERDA, Leilla Borges de. **Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso: bens edificados tombados pelo Estado e União**. Cuiabá: Entrelinhas, 2008.
- MINISTÉRIO DO TURISMO, **Plano Nacional do Turismo** - Diretrizes, Metas e Programas, 2003-2007. Brasília: 2003.
- OLIVEIRA, Christian Dennis M. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO. **Revista do Instituto Histórico do Mato Grosso**. N.62 – 2004 – Cuiabá Anual: 1919-2004.
- ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- SILVA, Paulo Pitaluga C. In: SILVA, Paulo P. C.; FREITAS, Moacyr. **Gravuras cuiabanas**. Cuiabá: M.E. Cardoso, 1997.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. A Casa Barão de Melgaço vista por dentro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, n. 64. Cuiabá: IHGMT, 2006, p. 75-96.

Sites consultados:

- <http://www.arquidiocesecuiaba.org.br>
<http://www.matogrossoeusemunicipios.com.br>
<http://www.cultura.mt.gov.br>

RAMIRO NORONHA E OS DIÁRIOS DE SUAS EXPEDIÇÕES (1915-1928)

Anna Maria Ribeiro F. M. Costa¹

Nas comemorações do 90º aniversário do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, destaca-se aqui o estoque informacional contido nos diários de campo de Ramiro Noronha, militar que integrou a Comissão das Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Esse acervo constitui-se em um importante potencial de informação sobre a exploração do rio Culuene, a fundação do núcleo Bakairi e para os estudos da Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas. Este precioso acervo documental integra o Arquivo da Casa Barão de Melgaço, instituição que abriga o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Mato-Grossense de Letras e disponibiliza o acesso aos pesquisadores à biblioteca, hemeroteca e acervos de documentos institucionais e privados².

O conjunto de diários de Ramiro Noronha faz parte dos acervos privados, juntamente com o de Estevão de Mendonça e Rubens de Mendonça, Família Rodrigues (Firmo e Dunga), Filinto e Gastão Müller e Corsúndio Monteiro da Silva. Siqueira (2006, p. 80), informa: *outro acervo bastante significativo é de Ramiro Noronha, braço direito de Cândido Mariano da Silva Rondon junto ao Serviço Nacional de Proteção aos Índios e Trabalhadores Nacionais, especialmente no que tange à abertura de postos indígenas.*

Assim, neste artigo, a proposta é divulgar os conteúdos dos 20 diários de Ramiro Noronha, escritos entre os anos de 1915 a 1928. Aqui é adotado o termo “diário” como designação dos cadernos de

1 Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco, Pesquisadora da Fundação Nacional do Índio, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Membro do Conselho Editorial da Universidade Federal de Mato Grosso.

2 Para saber mais sobre o acervo do Instituto Histórico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras, consultar CD-Rom coordenado por SIQUEIRA (2004) e COSTA (2006).

notas de Noronha, o mesmo empregado por Amilcar A. Botelho de Magalhães, coronel e secretário do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, em 1945.

O militar Ramiro Noronha participou como “ajudante” da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, também conhecida por “Comissão Rondon”. Raras são as informações sobre sua vida. Mas, sua trajetória sob a chefia de Cândido Mariano da Silva Rondon pode ser encontrada principalmente em um dos volumes das publicações da “Comissão Rondon”. Em junho de 1920, Ramiro Noronha foi encarregado

[...] da organização dos serviços necessários à fundação do posto indígena dos Bacaerys nas cabeceiras do rio Xingu, serviço que terminou em julho de 1922. Já com grande activo de serviços prestados à Comissão em levantamentos, nivelamento e explorações geográficas, o Capitão Ramiro Noronha, com a fundação e conseqüente desenvolvimento desse posto, conquistou mais o mérito de esforçado trabalhador pela causa da integração dos nossos selvícolas. Ao Capitão Ramiro Noronha devemos ainda o serviço de exploração ao rio Ananaz, onde o mallogrado collega Tenente Marques de Souza succumbiu vítima de um ataque de índios Araras (LASMAR, 2008, p. 127).

Entretanto, outras tipologias documentais podem ser encontradas no arquivo do Museu do Índio, da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, localizado no Rio de Janeiro. São disponibilizadas fontes documentais (textuais e iconográficas) produzidas pelo Serviço de Proteção aos Índios – SPI onde poderão ser encontradas as atividades de Ramiro Noronha enquanto integrante da “Comissão Rondon”.

Na década de 1930, em *O Mato-Grosso*, periódico circulado em Cuiabá, alguns resultados dos trabalhos desenvolvidos por Noronha foram publicados, especialmente sobre a “Ampliação da Carta da Comissão Rondon”, informando sobre a nascente do rio Paraguai e cabeceiras do Amolador, “Nascentes do rio Xingu” e “Croquis – cabeceiras do Xingu”. Esses estudos, oriundos de suas expedições exploratórias, enriqueceram a “Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas, publicada em 1952. Magalhães (apud NORONHA, 1952, p. 69) afirma que:

[...] ao ser publicada a Carta de Mato-Grosso, em que se exibem, em conjunto, todos os trabalhos geográficos e topográficos realizados sob a direção do Exmo. Sr. General Rondon e na qual figuram, por conseguinte, os resultados da Expedição ao Culuene, poderão os estudiosos da nossa geografia capacitar-se da segurança com que o

Coronel Noronha avançou suas afirmativas, que, tão profundamente vieram alterar tudo quanto até então estava esboçado em relação ao vasto leque de formadores do Xingu.

Sobre Ramiro Noronha, escreveu o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (NORONHA, 1952, p. 4), referindo-se à atuação na “Comissão Rondon” e enquanto governador do Território Federal de Ponta Porã em todos os seus três anos de existência, deixando o cargo em 18 de setembro de 1946, quando extinto pela Constituição de 1946:

Particularmente quanto ao presente relatório, de trabalhos executados, há um quarto de século, nos longínquos sertões de Mato-Grosso, pelo então Capitão Ramiro Noronha, recentemente transferido para a Reserva da 1ª classe do Exército no posto de Coronel, logo após o brilhante dinamismo com que exercera o cargo de Governador do Território de Ponta Porã; apraz-me sobremodo prefaciá-lo, quer por se tratar de um dos mais esforçados, dedicados e competentes colaboradores da Comissão Telegráfica, quer pela importância geográfica com que contribuiu para a construção da Carta de Mato Grosso, no desvencilhar do emaranhado das cabeceiras [...]. (NORONHA, 1952, p. 4)

O *Catálogo Geral das Publicações da Comissão Rondon e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios*, Publicação nº 96 (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1946, p. 14), organizado em 1945 e publicado no ano seguinte, aponta um único volume de autoria de Ramiro Noronha: *Exploração e levantamento do rio Culuene pelo Capitão ajudante Ramiro Noronha*, publicado com o título de I – *Exploração e levantamento do Rio Culuene, principal formador do rio Xingu*; II – *Reconhecimento de verificação ao divisor Arinos-Paranatinga*; III – *Fundação dum Posto de Proteção aos Índios: medição e demarcação de terras para os Bacairi* (NORONHA, 1952).

Ramiro Noronha percorreu e explorou a região central do Mato Grosso, a fim de desenvolver os trabalhos topográficos de verificação do divisor Arinos-Paranatinga, em fins de 1919, mais tarde ampliados até as cabeceiras do Culuene, o mais volumoso afluente do rio Xingu, após fundar o Posto Indígena Bacaerys, posteriormente denominado de Simões Lopes, em homenagem ao engenheiro Ildefonso Simões Lopes, ex-ministro da Agricultura. Barros (1996, p. 22) informa que:

[...] várias foram as denominações recebidas pelo Posto Indígena: Bacaerys, Bacairí, Simões Lopes, Bakairi e, atualmente, Pakuera (rio Paranatinga), por solicitação dos próprios indígenas. Em seus primeiros anos de existência ele foi referido também por “Posto de Atração”, fazendo jus aos seus objetivos iniciais: *um centro de atração e distribuição de ferramentas agrícolas aos Bacairi do Vale do Xingu*.

O Posto, que atualmente denomina-se Pakuera, está localizado na Terra Indígena Bakairi, homologada em 29.10.1991, constituiu-se naquela época em um importante ponto de apoio para as expedições exploradoras da região. Após a criação do Posto Simões Lopes, em 14 de julho de 1920, Noronha se dirigiu para o Kulisehu. À sua comitiva foram incorporados índios Bakairi e Nahukwá.



UM RANCHO PARTICULAR EM "SIMÕES LOPES" (NORONHA, 1952)

OS DIÁRIOS

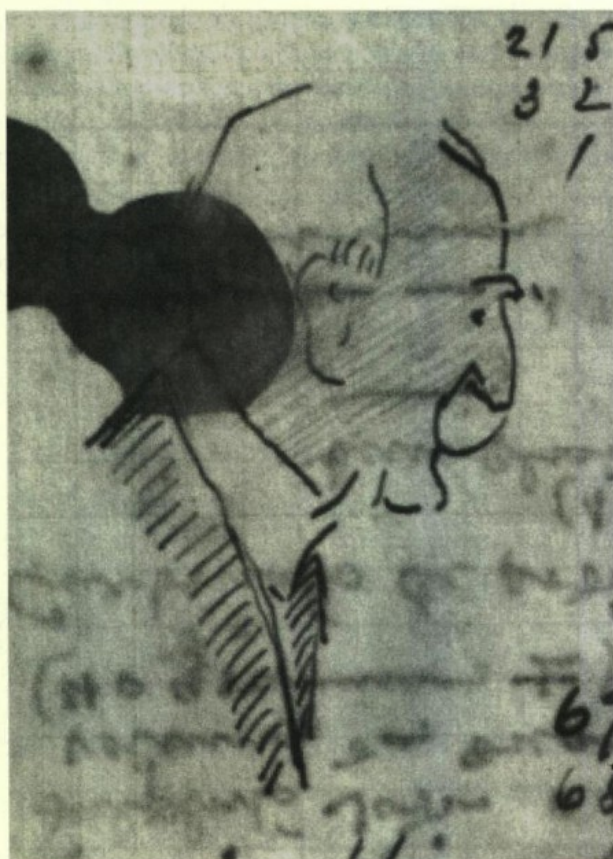
O arquivo da Casa Barão de Melgaço, entre seu precioso acervo, guarda os diários de Ramiro Noronha. São 20 cadernos, de variados tamanhos, espessuras e cores, incorporados ao acervo por doação. Cada um deles encontra-se protegido por um envelope branco e estão acondicionados em duas caixas-arquivos, ACBM/ARN, Pastas nº 1 e 2. Originalmente, os diários não foram enumerados. Ao receberem tratamento arquivístico, pequenas etiquetas redondas foram fixadas às suas capas. Neste artigo, a apresentação dos diários obedece a essa ordenação e não a cronológica.

Em seu conjunto, somam aproximadamente 1.100 páginas (inclusive as em branco), escritas com lápis preto, de cor (especialmente a azul) e caneta tinteiro. A caligrafia não se apresenta homogênea. Há, até mesmo, em alguns diários, anotações com letras minúsculas, o que dificulta a leitura dos textos. Em outras, podem-se ver desenhos e mapas (croquis).

Ao término da leitura do conjunto de diários, a impressão acumulada é a de que Ramiro Noronha, explorador de regiões ainda tão inóspitas, preocupou-se em desenvolver suas tarefas confiadas por Cândido Mariano da Silva Rondon, descrevendo as regiões por onde passou com meticulosidade e poesia. Escreveu ele sobre o rio Xingu:

Agora, no que possam aproveitar a “Corografia” propriamente, Xingu por esta, ou Xingu por aquela forma, não será difícil ficar o assunto definitivamente assentado – uma vez que se consiga um padrinho a um tempo piedoso, para dar ao podre *Culuene* as boas roupas das letras precisas e leves, piedoso – para conduzi-lo pela mão a pia do Instituto Histórico – ou mais rapidamente – para alçá-lo às colunas do “Mato-Grosso” num batismo de emergência. Este padrinho está aí a mão – o nosso bondoso e prestigiado amigo Dr. Estevão de Mendonça. (NORONHA, 1952, p. 77).

A seguir, são apresentadas algumas informações sobre os 20 diários. A título informativo e ilustrativo foi selecionada para cada um deles uma imagem do diário: ou da capa, ou desenhos, ou croquis, ou páginas interiores. Logo após a documentação iconográfica, estão dispostos o número do diário e trechos escritos por Ramiro Noronha ou outras pessoas que deixaram suas impressões.



Diário nº 1 – Ramiro Noronha, meu bom paezinho. Um beijo e um abraço do querido filho Gustavo.

Data: 1918

Dimensões: 12cm x 7,5cm

Capa: marron

Papel: xadrez

Número de páginas 34 (páginas soltas)

Descrição na capa: Notas

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: caras, enquetes

Conteúdo: agenda de endereços, datas natalinas, latitudes e altitudes do rio Vermelho, temperatura, cálculos diversos, prescrição de medicamentos, referências de pessoas, distâncias, lista de materiais e despesas avulsas da Comissão. Estrada de Cáceres a Barra do Bugres, acampamentos de Saloba Grande, Três Ribeirões, Ponta do Morro e Traíras, no Jauquará.

Despesas avulsas da Comissão

Serviço - Cuiabá - Barra - Três Barras - Diamantino - Arinos - Paranatinga - Cuiabá -

Em Cuiabá:

Jun 17	Algodão e manta para manta	3,000
	Mante algodão para manta	6,000
*	13 ^{ma} lousa para tabela	37,000
13	Tabela de Halse	10,000
	... 10 barras e 3 canos	3,000
	1 chocolate e 1 lata	3,800
	1 par de calças coradas	20,000
	Concorte lampião	2,500
	1 caixa	2,000
	1 livro	2,000
25	Arrendamento R. Santos (R)	85,100
	3 ouros e 8 puros	16,500
	5 tubos de aspirina	35,000
	1/2 caneta álcool e	
	1 vidro de sal de frutas	11,000
	Capa p. ^a de reprodução	20,000
	Arrendo do livro	1,000

Diário nº 2

O Valle transposto pelo caminhamento, o Valle do Poguba – além do interessante de sua topographia – nos deixou a impressão de ser o mais rico de quantos conhecemos em Matto-Grosso: mattas e pastagens ao mesmo tempo a par de um clima que nos parecem mto bom. Em todo o percurso sempre gente sadia inclusive as crianças.

Data: 1919

Dimensões: 9cm x 15

Capa: marrom

Papel: pautado

Número de páginas: 35 (algumas em branco)

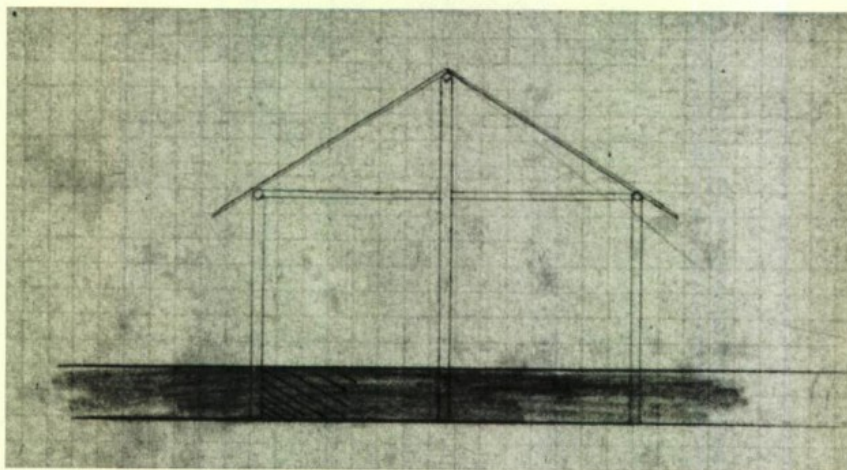
Descrição na capa:

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: mapa

Conteúdo: despesas avulsas da Comissão das Linhas Telegráficas e pelo Serviço de Proteção ao Índio nos acampamentos e nas estradas de Cuiabá, Três Barras, Diamantino, rio Arinos e Paranatinga, dados topográficos, rios Vermelho, Arinos, Paranatinga, Sangradouro, Batovi.

Observação: flor seca entre as páginas 16 e 17



Diário nº 3

Antes tarde que nunca. Ramiro alma tanto melhor serei quanto melhor fores. Pois que de tua vida a minha depende.

Data: 1920

Dimensões: 9cm x 15cm

Capa: tecido vinho, com a descrição Notas

Papel: quadricular

Número de páginas: 45

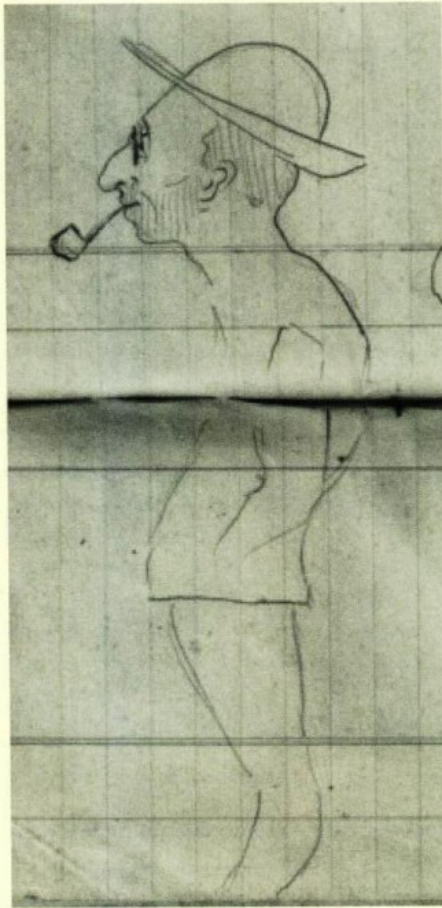
Descrição na capa:

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: anzóis, rosto, mapas, planta baixa e fachada frontal, Bacahyri, Cuiabá, Xingu, despesas avulsas, recibos entregues, cartas enviadas

Conteúdo: antiga estação de telégrafo, prestação de contas, vocabulário indígena, apontamentos sobre o reconhecimento da estrada de Cuiabá a Barra do Bugres (vale do Pojuba e cabeceiras do Bananal, Sete Lagoas Fechadas e Rosário Oeste), fundação do Posto Colônia Tereza Cristina.

Observações: na contracapa há o nome Noronha; cartão de visita de Guilherme da Almeida entre as páginas.



Diário nº 4

Data: 1919

Dimensões: 7cm x 11cm

Capa: vinho

Papel: pautado

Número de páginas: 39 (há páginas em branco)

Descrição na capa: nenhuma

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: rosto, homem fumando cachimbo

Conteúdo: inventário do material existente no Posto Indígena Bakairi, fundado para facilitar a exploração do rio Coluene, serviço geral, medicamentos, relação de pessoas, Jarachuquá ou Navuquató, vocabulário indígena.

Observações: capas internas com anotações soltas a lápis.

Cab. Deputad. 5/7/27.
 Sr. Álvaro Duarte
 Peço pagar ao Sr. Abi-
 lis Camillo Fernandes
 Fabris a importância
 de duzentos e vinte mil
 reis - correspondente a
 um boi corcúcio com
 prado para o serviço
 do Sr. Abílio Fernandes
 o fornecimento de
 o reabito para a obra
 prestação de contas.
 sem. Bons impr-
 marios. Recibo do
 Noronha.

Diário nº 5

Passei afinal por casa – rápido quanto pude e deixei a minha cambada chorando.

... é esta a vontade do meu chefe o general Rondon – através do Serviço de Índios e assim possamos realizar – porque não precisamos mostrar as imensas vantagens que dali decorrem para este pedaço de Mato Grosso.

Data: 1927

Dimensões: 12cm x 16cm

Capa: azul (com porta lápis)

Papel: pautado, intercalado com papel liso

Número de páginas: 100 (muitas páginas em branco)

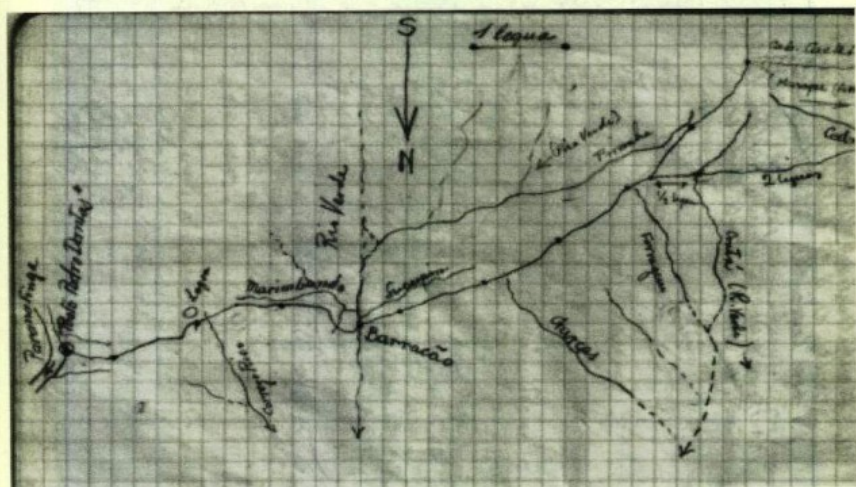
Descrição na capa: nenhuma

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: caminhos

Conteúdo: encomendas para os Bacaeri, Diário Caminho de automóvel Cuiabá-Paranatinga, reconhecimento da estrada e do Posto Simões Lopes, pedidos ao Sr. Álvaro Duarte, pedido de suprimento alimentar e fumo, anotações soltas.

Observações: carimbo de R. Noronha.



Diário nº 6

*.. notícias ali tinham chegado cerca de 60 e 70 índios de seis tribus e que entre os Bacaeris havia um pouco de moléstias; ordem do Inspector para prover o Posto de brindes para os visitantes e medicamentos para os enfermos...

Data: 1926

Dimensões: 10cm x 15,5cm

Capa: preta

Papel: quadricular

Número de páginas: 42 (muitas páginas em branco)

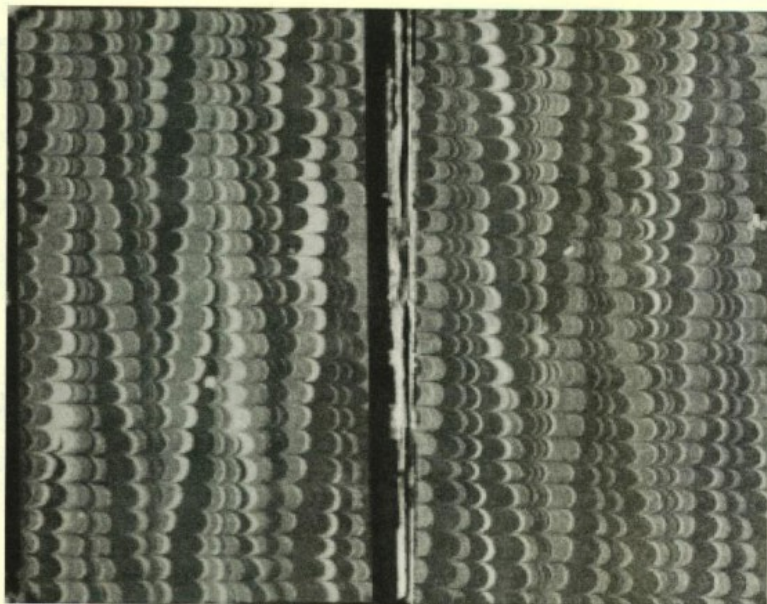
Descrição na capa: nenhuma

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: croqui da localização dos Postos Indígenas

Conteúdo: viagem Cuiabá-Paranátinga, Posto Indígena de atração dos Cayabi (Pedro Dantas), Posto Indígena Simões Lopes (índios Bakairi)

Observações:



Diário nº 7

Para o "Posto Bacairi". Cachorros, sementes, creolina 1 dúzia, mercúrio 1 caixa, 1 fogo central, 2 machadinhos, 1 alicate, 1 balde, 1 bacia louçada (pequena), 6 pratos, 6 colheres, 6 garfos, 2 lamparinas, 1 duz. enxadas, idem fouces, 2 picaretas, machados 10 dúzias, facões idem, missangas...

Data: sem data

Dimensões: 8cm x 12cm

Capa: preta

Papel: quadricular

Número de páginas: 66 (muitas páginas em branco)

Descrição na capa: nenhuma

Anotações: relação dos suprimentos necessários ao Posto Bakairi, anotação dos pagamentos para os componentes da expedição, relação de recibos cedidos no Vale do Pojuba, Cuiabá, Sete Lagoas e Rosário Oeste.

Desenhos: casa com portas e janelas (sem identificação)

Conteúdo: relação dos suprimentos para o Posto Bakairi, anotações dos pagamentos para os integrantes da expedição, relação dos recibos cedidos no Vale do Pojuba, Cuiabá, Sete Lagoas e Rosário Oeste.

Observações:

NIVELAMENTOS					
Estaca	Distancia	VISADAS		Altura do instrumento	ALTITUDE
		á ré	á vante		
		1,134		298,796	
C +10			1,676		297,320
6			1,124		297,726
		0,934		298,510	
+12			1,678		296,232
7			1,672		296,840
+10			2,125		296,335
		1,182		277,518	
8			1,765		277,232
+10			1,760		278,258
9			2,030		295,088
		1,150		296,668	
+10			1,450		295,218
10			2,080		294,588

Diário nº 9

Viagem ao Posto Bacaerys para reorganizar serviço com a substituição do Encarregado, aldear os índios e medir mais um lote de terra em águas do Rib. dos Cayapós para os índios.

Antoninho ou Antonio Puitó de Souza Leque, nome que às vezes adotava, por ser o de seu padrinho, ou Antonio Gaiamã Brasil. Foi o mesmo que acompanhou as expedições de 1884-1887, dos alemães. Puxava de uma perna, devido a um desastre quando fabricava uma canoa de jatobá na expedição alemã de 1884. Em 1887 êle acompanhou a expedição que veio ao São Lourenço estudar os Borôros e aí casou-se com Rosa Bororo, levando-a com seu filho, já moço, José Coroado para o Paranatinga.

Data: 1922

Dimensões: 11cm x 16cm

Capa: vermelha

Papel: pautado e intercalado com folhas lisas

Número de páginas: 110 (maior parte em branca)

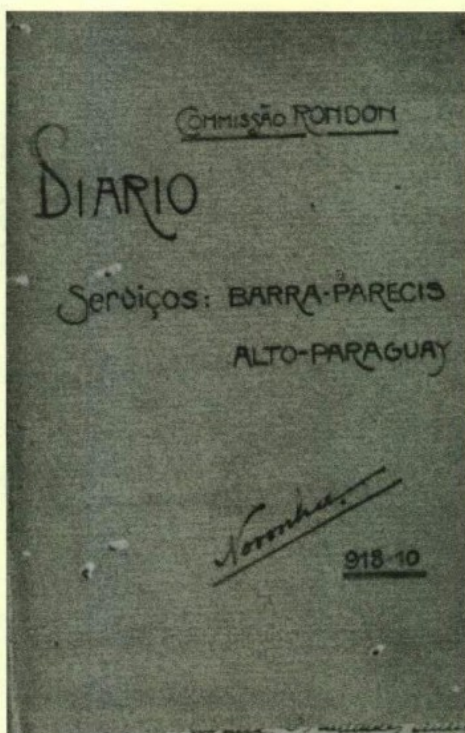
Descrição na capa: nenhuma

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: nenhum

Conteúdo: apontamentos do Posto Indígena Simões Lopes, índios Bakairi, descrição dos postos e funcionários do SPI, medição de lotes de terra junto ao Ribeirão dos Caiapós, localização de outros terrenos entre as cabeceiras dos rios Taquari e São Lourenço, Paraná e Paranaíba.

Observações: notas em folhas avulsas contendo informações sobre índios Ianahuquás, Bacairis e não índios.



Diário nº 10

Em Cáceres, recebemos determinação do ilm. Cl. Rondon para fazermos o levantamento do Ramal da Barra do Rio dos Bugres a Parecis e do Alto Paraguay desde as Três Barras até a foz do Rio Tenente Lyra (antigo Sepotuba).

Data: 1918

Dimensões: 10cm x 15cm

Capa: verde (com suporte para lápis)

Papel: pautado

Número de páginas: 30 (algumas páginas em branco)

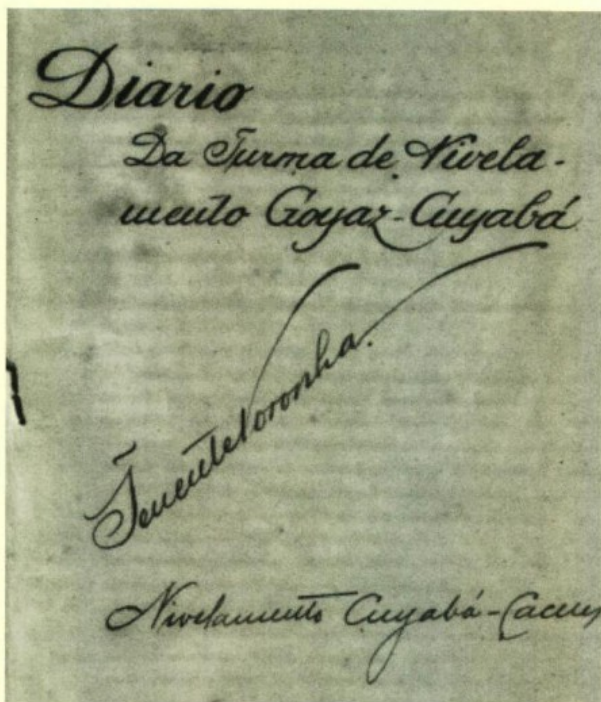
Descrição da capa: Diário/Notes

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: não há

Conteúdo: o diário está dividido em duas partes: Comissão Rondon: diário. Serviços: Barra-Parecis, alto Paraguay e pessoal. Na primeira parte encontram-se os apontamentos realizados pela Comissão Rondon no levantamento do ramal da Barra do rio do Bugres, Pareci e Alto Paraguai, desde Três Barras até a foz do rio Tenente Lira, antigo Sepotuba. Na segunda parte, informações sobre o pessoal integrante da comissão.

Observações:



Diário nº 11

Todo este tempo, ainda acampados no Coxipó, foi empregado em conseguir dinheiro com que despachar os camaradas.

Data: 1917

Dimensões: 11cm x 15cm

Capa: preta

Papel: quadricular

Número de páginas: 66 (há muitas páginas em branco)

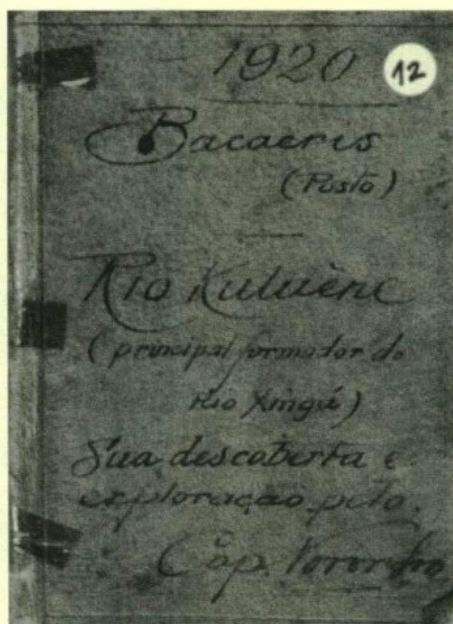
Descrição na capa: nenhuma

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: não há

Conteúdo: diário da turma de nivelamento da estrada de Goiás-Cuiabá e Cuiabá-Cáceres, implantação das estações telegráficas.

Observações:



Diário nº 12

Tendo tido comunicação destes no Rio, sustou a nossa partida e lembrando-se de que o Estado de Mato-Grosso por uma Resolução recente (de 1918), reservado terras para os índios, inclusive Bacairis – entre o Paranatinga e o Xingu, apelou ainda para o Governo de D. Aquino e conseguir a verba de 20:000.000, verba de auxílio à Colônia Tereza Cristina, para medir e demarcar as terras destinadas aos mesmos índios – bem como fundar o Pôsto de Proteção naquelas alturas – Pôsto Bacairi, assim denominado a princípio e posteriormente crismado com o nome de “Simões Lopes”...

Data: 1920

Dimensões: 11cm x 15cm

Capa: marrom clara

Papel: pautado

Número de páginas: 90 (algumas páginas em branco)

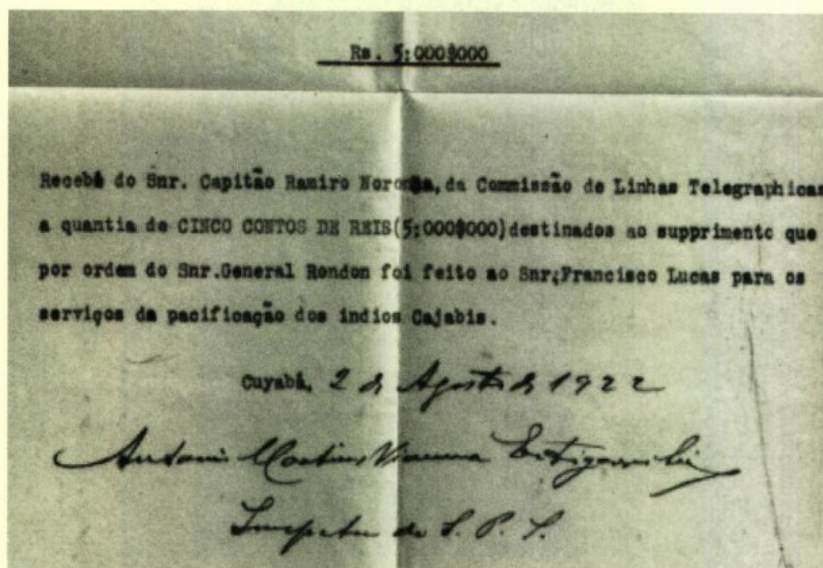
Descrição da capa: 1920 Baciaeris (Posto) Rio Kuluene (principal formador do Rio Xingu) sua descoberta e exploração pelo Cap. Noronha

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: não há

Conteúdo: descoberta e exploração do rio Coluene, principal formador do Xingu, a partir do reconhecimento e verificação do divisor Arinos-Paranatinga, partindo da povoação de Chapada e passando pelos formadores do rio Manso, Cuiabá até a região onde forma demarcadas as terras para a fundação do Posto Bakairi.

Observações: toda a redação do texto passou por uma correção; fragmento de papel com informação sobre o abandono de um componente da expedição.



Diário nº 13

Data: 1920-1921

Dimensões: 11cm x 15cm

Capa: parda

Papel: pautado

Número de páginas: 78 (algumas páginas em branco)

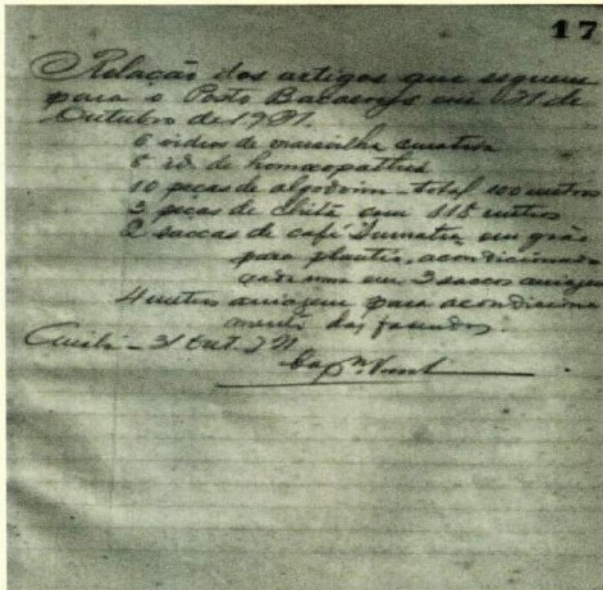
Descrição da capa: Pessoal

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: não há

Conteúdo: despesas feitas com empregados do Posto Indígena Simões Lopes, dos índios Bakairi, anotações dos gastos com transporte de produtos para abastecimento do posto, de passagem com pessoal e outras despesas relativas ao reconhecimento do Cedro-Rio Novo-Estivado.

Observações: papel avulso referente ao recibo de R\$ 5:000\$000 destinado ao suprimento do Sr. Francisco Lucas para os serviços de pacificação dos índios Cayabi (1922) e gastos do Sr. Simplicio Correa da Silva em serviço no Posto Bacacrys (1922). As páginas estão numeradas a lápis, na parte superior.



Diário nº 14

Os Bacaerys do Rio Novo ali chegaram todos e todos agora acabam de se retirar. É muito lamentável tudo isto! Estou certo que voltaram profundamente desiludidos. Procuraram a protecção-orientação e agora voltam desapontados! Além da assistência a que também têm direito – dada a pequena rivalidade que sempre houve entre estes e os do Paranatinga.

Data: 1922

Dimensões: 14cm x 21cm

Capa: verde

Papel: pautado

Número de páginas: 50 (algumas páginas em branco)

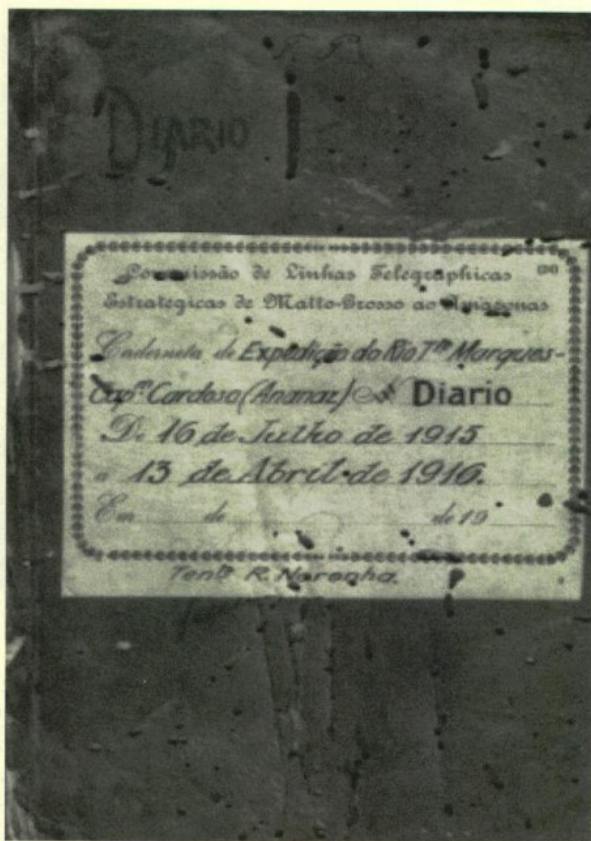
Descrição na capa: nenhuma

Anotações: lápis

Desenhos: não há

Conteúdo: correspondência entre Ramiro Noronha e Álvaro Victorio, encarregado do Posto Indígena Simões Lopes, habitado pelos índios Bakairi.

Observações: carta de Camilo ao Capitão Ramiro Noronha informando sobre o envio de um carpinteiro e a impossibilidade de enviar bois de carro e solicitando sal grosso. Na folha de rosto há informações sobre artefatos denominados em língua Bakairi e sua definição, confeccionados pelos índios Bakairi (colar de contas de caramujo, enfeites para os orifícios das orelhas, colar de conchas e diadema masculino).



Diário nº 15

Data: 1915-1916

Dimensões: 11cm x 19cm

Capa: parda

Papel: pautado (impresso Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas)

Número de páginas: 50

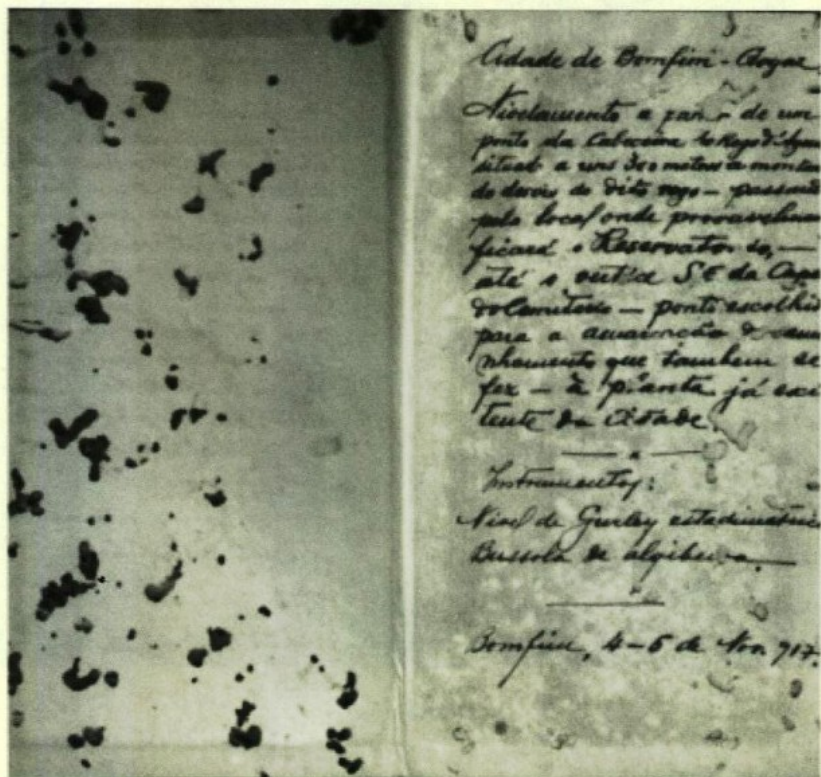
Descrição na capa: Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas. Caderneta de Expedição do Rio Tte. Marques-Capm. Cardoso (Ananaz). Diário. De 16 de Julho de 1915 a 13 de Abril de 1916. Tente. R. Noronha.

Anotações: lápis

Desenhos: não há

Conteúdo: anotações das expedições aos rios Tenente Marques e Capitão Cardoso, localizados na confluência do rio Roosevelt.

Observações: caderno extremamente danificado pela ação das traças o que dificulta ainda mais a leitura dos textos em letras miúdas.



Diário nº 16

Data: 1917

Dimensões: 11cm x 20cm

Capa: parda

Papel: pautado

Número de páginas: 42 (muitas páginas em branco)

Descrição na capa: não há

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: não há

Conteúdo: notas sobre o nivelamento desde a cabeceira do Rego d'Água ao marco da cidade de Bonfim, em Goiás

Observações: caderno extremamente danificado pela ação das traças

Comissão de Linhas Telegraphicas Esdras
legicas de Matto Grosso ao Amazonas

No. 17
+ 587099 - 3

ESTACAS		Plano de nivelamento	VIRADAS		CURVA	OBSERVAÇÕES
Início	Intermedio		Vento	Rd		
51-52	1223.00	55° 38' D				
52-53	105.9	90° 0' AS				
53-54	(+105.04) 440.00					
54-55	395.73 736.10	55° 45' D	22° 45' S			
55-56	164.30					
56-57	1232.00 1746.10					

Diário n° 17

Data: sem data

Dimensões: 11cm x 20cm

Capa: parda

Papel: pautado

Número de páginas: 42 (muitas páginas em branco)

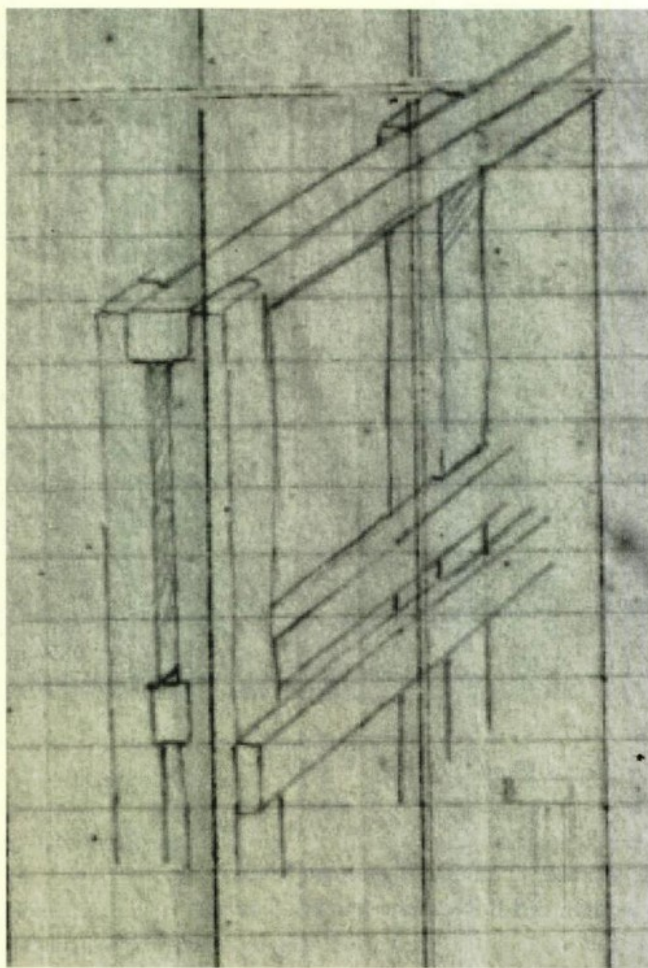
Descrição na capa: não há

Anotações: lápis e caneta tinteiro

Desenhos: croquis de estradas e rios

Conteúdo: nivelamento do córrego Brites ao Rio Claro e à barra do Invernada, rio Coxipó.

Observações: papéis no interior da caderneta, contendo anotações esparsas.



Diário n° 19

Data: 1928

Dimensões: 15cm x 23cm

Capa: parda

Papel: quadricular

Número de páginas: 46 (algumas páginas em branco)

Descrição na capa: não há

Anotações: lápis

Desenhos: construções

Conteúdo: nivelamento do trecho não identificado e apontamentos da ponte sobre o rio São Manoel.

Observações:

1

Amigo Alvaro
Saúde e felicidade.

Ainda desta vez - com
em quasi todas as outras
tenho a mesma do fe-
dido que use agora.
Poco obstante que
não me abste a via-
gem de volta que
frustrou-me mais
uma vez este ser-
vico aqui - Sei
que tem as suas
razões pelas diffi-
culdades, as con-
sequir os homens,
mas agora - são
governo e alguns
brindeas que os
topaes da tropa
teria podras

Diário nº 20

A tropa dos Bacaeris está connosco. Mandaremos hoje os quatro bois descarregados - e um cavallo pertencentes ao professor Dr. Max Schmmidt.

Data: 1927

Dimensões: 14cm x 21cm

Capa: azul

Papel: pautado

Número de páginas: 50 (algumas páginas em branco)

Descrição na capa: não há

Anotações: lápis de cor lilás

Desenhos: não há

Conteúdo: providências tomadas no Capão Onça, cabeceira do rio Roncador, Xingu.

Observações: algumas páginas estão soltas.

Ao término da leitura dos diários de Ramiro Noronha escritos no período compreendido de 1915 a 1928 (três diários acham-se sem data), entre tantas páginas, linhas, traços, tintas e cores, pode-se afirmar que grande parte das informações encontra-se divulgada na Publicação nº 75, e outras, certamente, integram a Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas. A leitura traz as seguintes considerações:

1. Pela diferença da caligrafia e do conteúdo de algumas anotações, além de Ramiro Noronha, há outras pessoas que escrevem nos diários;
2. Além dos escritos pessoais – agenda de telefone, datas natalinas, cálculos aritméticos – os diários apresentam muitas informações sobre a fundação do Posto Simões Lopes, nivelamento e explorações geográficas e, em menor quantidade, dados etnográficos sobre os Bakairi e informações sobre integrantes indígenas e não indígenas das expedições;
3. Os registros iconográficos correspondem a croquis (plantas, estruturas e fachadas de casas), de pessoas (não identificadas) e de um artefato (remo foliáceo);
4. Entre as páginas de alguns diários há papéis soltos, com variados assuntos, uma planta prensada e um cartão de visita.

A personagem de Ramiro Noronha vincula-se à história do Brasil não somente por sua importante contribuição na elaboração da Carta de Mato Grosso, resultado da exploração e levantamento do rio Xingu e reconhecimento de verificação ao divisor Arinos-Paranatinga, mas também porque se liga a dos Bakairi, quando fundou o Posto Indígena Bacaerys e realizou a primeira medição e demarcação de suas terras.

Mesmo que grande parte das informações contidas nos 20 diários esteja publicada no volume 75 da “Comissão Rondon” e na Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas, é no conjunto de diários que mais fortemente se testemunha a dedicação, perícia, método e brasilidade do explorador Ramiro Noronha que percorreu os “longínquos sertões de Matto-Grosso”.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Edir Pina de. **Os Kurá-Bakairi**: breve história das relações interétnicas. Disponível em static.recantodasletras.com.br/arquivos1343692.pdf
- CARTA do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas, organizada e desenhada no Serviço de conclusão da Carta de Mato Grosso (Ministério da Guerra, Estado Maior do Exército), sob a direção geral de S. Ex. o Snr. Gen. de Div. Cândido Mariano da Silva Rondon e direção gráfica executiva do Gen. Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos de acordo com as circunstâncias e [...], 1952.
- COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. Índios e acervos: uma viagem etnográfica. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, nº 64, 2006, p. 41-71.
- LASMAR, Denise Portugal. **O acervo imagético da Comissão Rondon no Museu do Índio**. 1890-1938. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2008 (Publicações Avulsas do Museu do Índio, 3).
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Conselho Nacional de Proteção aos Índios. **Catálogo geral das publicações da Comissão Rondon e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946, p. 14 (Publicação nº 96). A apresentação é de Cândido Mariano da Silva Rondon, “General Presidente do C.N.P.I.”
- NORONHA, Ramiro. **I – Exploração e levantamento do Rio Culuene, principal formador do rio Xingu; II – Reconhecimento de verificação ao divisor Arinos-Paranatinga; III – Fundação dum Posto de Proteção aos Índios: medição e demarcação de terras para os Bacairi**. Ministério da Agricultura. Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (Coord.). **Preservando o patrimônio cultural**. A Casa Barão de Melgaço. Relatório Final. CNPq Projeto Norte. Rede Acervos e Coleções. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2004.
- _____. A Casa Barão de Melgaço vista por dentro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, nº 64, 2006, p. 73-96.

A ALTERAÇÃO DA NOMENCLATURA DO INSTITUTO HISTÓRICO DE MATO GROSSO PARA INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Elizabeth Madureira Siqueira¹

*

Originalmente, a denominação acertada entre os sócios fundadores, em janeiro de 1919, foi a de **Instituto Histórico de Mato Grosso**, designação que sobreviveu até o ano de 1974, quando a nomenclatura foi definitivamente alterada para Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Tudo deve início na sessão ordinária de 15 de janeiro desse ano, o sócio efetivo Antônio Fernandes de Souza apresentou a seguinte indicação:

Venho ocupar a vossa preciosa atenção submetendo ao vosso esclarecido exame uma tese na aparência insignificante, porém na realidade uma questão que afeta diretamente os interesses desta Sociedade, retardando, por assim dizer, o seu progredimento de par com os esforços dos nossos estudiosos consócios, que procuram pelos seus trabalhos meritórios, elevar cada vez mais a consideração de que ela já bem gozando dentro e fora do Estado. Ora, se um dispositivo dos Estatutos que regem esta Corporação diz que ela terá por fim “coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos concernentes à história, geografia e a arqueologia de Mato Grosso, bem como a etnografia dos seus indígenas e a biografia dos seus homens ilustres”, por que não adotar-se a denominação que lhe é mais própria e consentânea de Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso,

¹ Doutora em História da Educação, Mestre em História, Curadora da Casa Barão de Melgaço e sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

abrangendo destarte as grandes divisões da Geografia e da História ali enumeradas? Como sabeis, a Geografia e o estudo das ciências em que se divide a História, como a cronologia, a arquitetura, as inscrições, a gliptografia, a numismática etc., têm entre si uma ligação tão íntima, que é indispensável o conhecimento da geografia física e política, em seus diversos ramos, para o desenvolvimento do estudo dos fatos mais notáveis da história, em relação aos diversos lugares que serviram de cenário aos acontecimentos que se prendem às nossas pacientes investigações. Diz-se com acerto que a cronologia e a geografia são os olhos da história. Não preciso alongar-me para vos demonstrar a razão do tema proposto, pois, melhor do que eu, conheceis perfeitamente a conveniência da modificação a que me refiro. E porque, como acima disse, existe em nossos Estatutos um dispositivo que autoriza a intercalação do adjetivo – geográfico – no nome que distingue este Instituto, a lógica e o bom senso estão a exigir que ele se denomine doravante Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, abrangendo todas as ciências que lhe são correlatas, e não como até aqui. Demais, senhores, na lista dos Institutos congêneres do País, não se encontra um só que se denomine exclusivamente Histórico. Do título atual desta Sociedade tem advindo, entre outros inconvenientes, a presunção, lá fora, de que não cogitamos da geografia do nosso Estado, quando é certo haver o Instituto recebido ultimamente com júbilo em seu seio uma plêiade de cientistas de valor, que devassaram os nossos sertões de Oeste e Noroeste, determinando coordenadas geográficas e o curso dos nossos rios, medindo distâncias e perlustrando serranias e chapadões, publicando, enfim, trabalhos completos para a confecção da carta geográfica de Mato Grosso, a vir a luz neste ano do Centenário da Independência. Eis, portanto, ilustres consócios, os motivos que me levaram a apresentar-vos estas ligeiras reflexões, a fim de que mais experimentados do que este que vos fala, na nobre luta pelo bem do nosso querido Estado, possais integrar a denominação deste Instituto, em obediência ao lema que lhe serve de divisa: *Pro Patria cognita* – Pela Pátria sempre mais conhecida. Salão das sessões do Instituto Histórico de Mato Grosso, em Cuiabá, 15 de janeiro de 1922. Antônio Fernandes de Souza.

A alteração da denominação para Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso só se concretizou na 155ª sessão ordinária, de 5 de setembro de 1974, através de um abaixo-assinado datado de 2 de setembro do mesmo ano e encaminhado pelos sócios Rubens de Mendonça e Ernesto Pereira Borges:

Nós, abaixo-assinados, membros efetivos do Instituto Histórico de Mato Grosso, em pleno gozo de seus direitos sociais, vimos propor a Vossa Senhoria o seguinte:

a) O Instituto Histórico de Mato Grosso, fundado nesta Capital, a 8 de abril de 1919 e reconhecido de utilidade pública por Lei Estadual n. 815, de 8 de outubro de 1920, tem por finalidade, conforme reza o Art. 1º do seu Estatuto: “coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos concernentes à história, geografia e arquivologia de Mato Grosso, bem como à etnografia dos seus indígenas e a biografia dos seus homens ilustres”;

b) O Instituto Histórico de Mato Grosso, fundado nos moldes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pela sua atual designação se afigura apenas ser uma sociedade de estudos históricos e não geográficos. Diante disso:

Considerando ser o Instituto Histórico de Mato Grosso o único no Brasil que não tem a denominação de geográfico;

Considerando que toda a correspondência dirigida à entidade sempre menciona Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso;

Considerando que até os poderes públicos, quando se dirigem oficialmente a esta sociedade o fazem dando-lhe o nome de Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Propormos que a denominação do Instituto Histórico de Mato Grosso passe a ser denominado – Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

O Senhor Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso providenciará junto ao 1º Tabelião da Comarca desta Capital, a alteração em seu registro do art. 1º do seu Estatuto, e o oficiará às autoridades competentes, dando-lhes conhecimento desta Resolução.

Salão Nobre da Casa Barão de Melgaço, em Cuiabá, 2 de setembro de 1974.

Ass: Rubens de Mendonça e Ernesto Pereira Borges.

Foi essa iniciativa que redundou na alteração definitiva do nome da instituição, de Instituto Histórico de Mato Grosso, para Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso que, neste ano de 2009, comemora seu jubileu de álamo, noventa anos de efetiva, profícua e dinâmica existência.

POSSES

DOIS NOVOS SÓCIOS EFETIVOS INTEGRAM
O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE
MATO GROSSO, NO SEU JUBILEU DE ÁLAMO

(90 ANOS)

27/11/2009

IVAN ECHEVERRIA
OSMAR DE CARVALHO

DISCURSO DE POSSE NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO, POR IVAN ECHEVERRIA

A paz do Senhor JESUS a esta seleta plateia é meu sincero desejo.

Informou-me o Senhor Presidente em exercício deste Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, jornalista Weller Marcos da Silva, em ofício de 30 de outubro último, ter sido o meu nome indicado para sócio efetivo deste Instituto, referendado pela Assembleia Geral de 23 de setembro de 2009. Nesse contexto consta a participação dos ilustres sócios efetivos: Aecim Tocantins, Aníbal Alencastro, Anna Maria Ribeiro Moreira da Costa, Benedito Pinheiro de Campos, Domingos Valério Iglesias, Elizabeth Madureira Siqueira, Francisco Freire da Silva, Gabriel Francisco de Mattos, Moacyr Freitas, Sônia Regina Romancini, Suíse Monteiro Leon Bordest e Weller Marcos da Silva.

Agradeço, portanto, a esses valorosos membros deste memorável Instituto e, em especial, ao confrade Aecim Tocantins pelas elogiosas palavras repassadas de amizade e carinho, dignamente representando o nosso sodalício.

Ressalto ter tomado ciência dos deveres e direito capitulados nas normas regimentais e espero contribuir no estudo, pesquisa e divulgação nas áreas específicas do saber humano deste estado de Mato Grosso.

Nesses trâmites consta o nome do jornalista e historiador Osmar de Carvalho, hoje, também, elevado a sócio efetivo desta nonagenária Instituição.

Dileta assembleia, por obrigação estatutária caberia a eu escolher o patrono para contribuir no delineamento de ações futuras nesta Casa do saber cultural. Não foi necessário recorrer a outrem, nem procurar amiúde: a escolha do patrono recaiu no nome do inesquecível LENINE DE CAMPOS PÓVOAS.

Permita-me a digna Mesa Diretora desta magna sessão, divergindo do ritual, dirigir as minhas primeiras palavras de agradecimento aos distintos familiares do respeitável cuiabano Lenine de Campos Póvoas para lhes agradecer pela honraria a mim concedida em tê-lo como Patrono.

Assim, com particular satisfação dirijo-me aos seus diletos filhos: Cirurgiões Dentistas Eduardo e Aloísio, em cuja brilhante profissão, ambos, em muito atenderam a comunidade matogrossense e a honrada Desembargadora Maria Helena, que enaltece o egrégio Tribunal de Justiça do Estado. Todos emolduram a nossa sociedade pela inteligência, cultura, probidade de seus caracteres.

Excelsa Assembleia:

A história de vida de LENINE DE CAMPOS PÓVOAS teve seu marco inicial em 4 de julho de 1921, na “Cuiabá de Outrora”, título de uma de suas obras. De nosso convívio partiu para a morada do Pai Eterno em 29 de janeiro de 2003.

Era filho do insigne mestre NILO PÓVOAS e da diletta professora ROSA DE CAMPOS PÓVOAS, artífices de sua formação moral e intelectual.

O distinto casal residia no Bairro do Porto, o mais antigo da Capital Matogrossense, ancoradouro para os bandeirantes descobridores do ouro nas Lavras do Sutil, localizadas no vale do córrego da Prainha, onde desenvolveu o núcleo de Cuiabá.

O transporte das pessoas entre esses dois distritos era feito, a partir de 30 de abril de 1891, por bondes puxados a burros, talvez até a década de 1930, pois não se tem notícia da data certa de quando eles deram lugar às jardineiras, tipo ônibus com bancos abrangendo toda a largura do veículo. O uso do táxi iniciou tão logo a chegada do automóvel à cidade e o foi com o Ford-A-29 e o Fiat.

Do bairro do Porto para Várzea Grande atravessava-se o rio Cuiabá na barca pêndulo, montada sobre dois flutuantes e segura a um potente cabo de aço, com carretilha, ligando as duas margens do caudaloso rio. Assim, funcionou até o ano de 1942, quando foi inaugurada a primeira ponte de concreto armado no governo do ilustre homem público Júlio Müller.

A infância do menino Lenine aconteceu nesse bairro do Porto, onde nasceu e residiu até os 16 anos de sua juventude.

Os seus primeiros estudos se deram no Grupo Escolar Senador Azeredo, onde sua mãe, a professora Rosa, lecionava para os alunos do curso primário. O prédio desse histórico grupo seguiu o padrão típico das obras públicas edificadas no Estado, no início do século 20, cuja fachada principal se edificou com um frontão enriquecido por

balaústres e adornos metálicos. Esse prédio é um ponto turístico da capital, onde se encontra funcionando hoje a Casa do Artesão.

O curso ginasial e o estudo secundário foram realizados no Liceu Cuiabano, este criado pela Lei 540, de 23 de outubro de 1880, com a denominação de Lyceu de Línguas e Ciências, iniciando suas atividades em prédio localizado no antigo Largo da Matriz, atual Praça da República, onde se acha instalada a repartição dos Correios e Telégrafos; anos passados o educandário foi transferido para o Palácio da Instrução e a partir de 1946, passou a se localizar na Praça General Mallet, em novo edifício, com o nome de Colégio Estadual de Mato Grosso.

No centenário de criação dessa escola, em 13 de março de 1979, foi resgatado o nome de Lyceu Cuiabano, cuja denominação perdeu por duas décadas, pois com a nova reforma das edificações em 1999, tendo apoio financeiro da Fundação Banco do Brasil e com a inauguração das novas instalações, teve alterada sua denominação para Colégio Estadual Liceu Cuiabano Maria de Arruda Müller, em homenagem a respeitável esposa do interventor Júlio Müller, em cujo governo foi edificado o prédio próprio.

O jornalista Lenine fundou o órgão estudantil *A Centelha* e o jornal *A Batalha*. Foi diretor da Editora Imprensa Matogrossense, a qual editava o *Diário de Mato Grosso*.

O moço Lenine, durante seu período escolar, na vida ginasial, proferiu várias palestras, cujos escritos integram a sua obra *Reminiscências*, são elas: *Capricho de Santo Antônio* (1936), *D. Pedro I* (1937), *Couto de Magalhães* (1939). Na vida universitária escreveu: *O Visconde de Taunay* (1941), *Rondon no livro do mérito* (1941), *Paisagens do Oeste* (1942) e *Recordações de Minha Mãe* (1943).

Aos dezessete anos o meu Patrono foi para a Capital da República, na época, a cidade do Rio de Janeiro. Fez curso pré-jurídico no Colégio Universitário da Universidade do Brasil, localizado na Praia Vermelha, em cuja universidade realizou seus estudos de graduação superior.

Diplomou-se, no ano de 1945, em Bacharel de Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ), a qual foi criada em 7 de setembro de 1920, reorganizada em 1937, com o nome de Universidade do Brasil, voltando ao nome original a partir de 1965.

Por ocasião de seus estudos no Rio de Janeiro, o universitário Lenine foi professor da disciplina de Geografia nos Colégios: Anglo-Americano, Andrews, Paula Freitas e Rui Barbosa. Em 1944 e antes

de concluir seu bacharelado, editou a obra *Introdução ao Estudo da Geografia Humana*.

Em Gênesis 2-24 lê-se: “[...] o homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne.” Assim, perante Deus e os homens, Lenine consorciou-se, no ano de 1946, com a carioca dona ARLETE GARGAGLIONE PÓVOAS, sua alma gêmea e genitora de Eduardo, Aloísio e Maria Helena, já citados.

Pelo estado de Mato Grosso, foi eleito Deputado Estadual Constituinte (1947-1950). Reeito Deputado Estadual (1950-1953).

Em 31 de dezembro de 1953, foi nomeado pelo Governador Fernando Corrêa da Costa para Ministro (hoje Conselheiro) do Tribunal de Contas do Estado, tendo sido empossado em 2 de janeiro de 1954. É considerado um dos principais organizadores do TCE, tendo ocupado em duas mesas diretoras o cargo de Presidente e por quatro vezes o de Vice-Presidente. Aposentou-se em 5 de julho de 1967.

Foi Secretário-Geral do Diretório Regional da Aliança Renovadora Nacional – ARENA.

Foi eleito Vice-Governador do Estado, em 3 de outubro de 1965. No exercício desse mandato foi membro da Comissão Especial que elaborou o projeto da Constituição Estadual de 1967.

No ano de 1972, foi eleito Diretor-Superintendente da Companhia Matogrossense de Mineração – METAMAT, cargo que se afastou para assumir a recém-criada Secretaria de Administração do Estado, no Governo José Fragelli, sendo o seu primeiro titular.

Professor catedrático, por concurso, de Geografia Humana da Escola Técnica de Comércio de Cuiabá. Professor fundador e titular da cadeira de Direito Penal da Faculdade de Direito de Mato Grosso, mais tarde incorporada à Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Para ele, o título de Professor era a melhor forma de ser chamado.

No governo do saudoso Garcia Neto criou, organizou e foi o primeiro presidente da Fundação Cultural de Mato Grosso, onde atuou no período de 1976 a 1980, sendo esta, a partir de 1995, a atual Secretaria de Estado de Cultura. Duas importantes obras foram por ele editadas nessa época: *Mato Grosso, um convite à fortuna* e *Músicas Cuiabanas Antigas*. Em 21 de agosto de 2002, num reconhecimento ao seu trabalho na área de cultura foi lançada a Sala Lenine Póvoas, na Secretaria de Cultura.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, empossado em 7 de março de 1950, onde atuou por mais de 50 anos. Legou-nos diversos artigos escritos em várias revistas periódicas deste

Instituto, dentre as quais localizamos nos anos de: 1949/50, 1955/76, 1981, 1982, 1984, 1986, 1987, 1988, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1998 e 1999.

Ocupou a cadeira nº 33 da Academia Mato-Grossense de Letras, a qual presidiu de 1980 a 1990, num período de dez anos; esteve sempre presente em suas atividades e solenidades, inclusive com seus primorosos discursos e composições literárias.

Na qualidade de sócio correspondente, participou do: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Academia Sul-Matogrossense de Letras, Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste, Academia Paulistana de História, Academia Maranhense de História, Academia Espiritosantense de Letras e Academia de Letras de Brasília.

Recebeu condecorações e medalhas de Mato Grosso, quais sejam: Ordem do Mérito Mato Grosso – Grande Oficial, Comenda Filinto Müller da Assembleia Legislativa de Mato Grosso; Medalha do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso; Medalha da Câmara Municipal de Cuiabá; Diploma de Benemérito dos Desportos Matogrossenses; Diploma pelos serviços prestados à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e ao Advogado Matogrossense; Diploma de Benemérito Constituinte da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso; Medalha Mérito Honorário Especial da Federação das Academias de Letras do Brasil; Comenda do Mérito do 16º BC (Orgulho Cuiabano) e 44 BIMTZ – Batalhão Laguna e Homenagem no Circuito Cultural Banco do Brasil, pela participação no Projeto Rodas de Leitura.

Duas de suas obras foram premiadas: o prêmio internacional “Pero Vaz de Caminha” outorgado pelo Governo de Portugal por sua obra *Viagem a Portugal* (1970) e com o prêmio nacional “Clio de História Paulistana”, por ter escrito a obra *Os italianos em Mato Grosso* (1989).

Integrou a equipe do “Senadinho”, onde os membros discutem temas ligados à política, cultura, esporte e economia, cuja preocupação são os destinos de Cuiabá e de Mato Grosso.

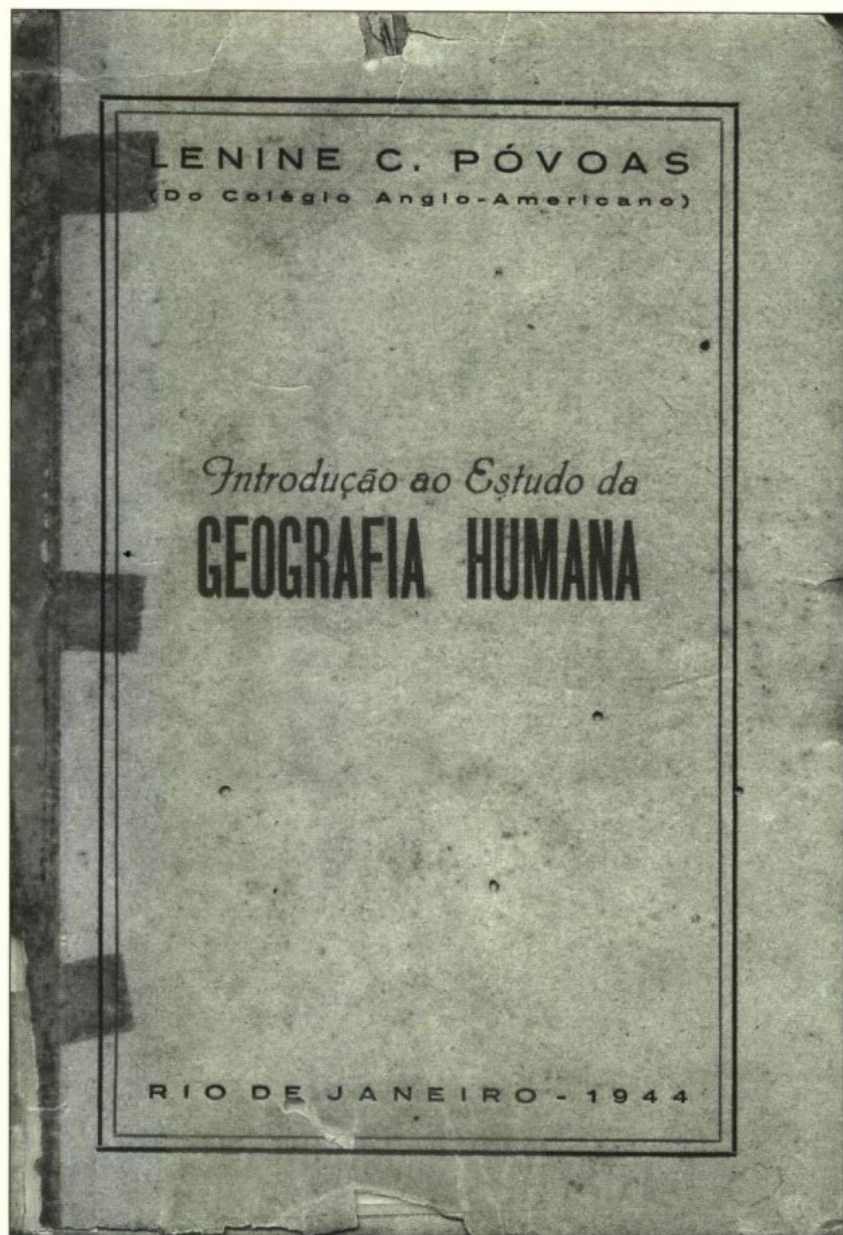
Escritor, palestrante e conferencista sobre a cultura e a história matogrossense legando ao seu Estado e ao seu País mais de trinta obras, sendo algumas delas fruto de suas viagens, inclusive para o exterior, sempre tendo ao seu lado a companheira dona Arlete. Aliás, diga-se de passagem, participou sempre das atividades sociais e das reuniões culturais, ao lado do professor Lenine.

Em reconhecimento aos seus préstimos à educação, em Cuiabá, no Bairro Jardim União, há a Escola Municipal Lenine de Campos

Póvoas, cuja Biblioteca foi inaugurada com o nome da sua grande companheira “Arlete Póvoas”. Em Várzea Grande há, também, a Escola Municipal Lenine de Campos Póvoas. Para ambas as instituições de educação a família Póvoas doou várias obras do homenageado.

A Assembleia Legislativa de Mato Grosso, pela Lei nº 9.015, de 11 de novembro de 2008, homenageou o ex-deputado com a denominação da rodovia MT-265, trecho Porto Esperidião a Vila Bela da Santíssima Trindade, intitulando-a “Lenine Póvoas”.

A todos quantos abrilhantaram esta magna solenidade, os meus mais cordiais agradecimentos e agora, diletta assembleia, apresento as obras do homenageado Lenine de Campos Póvoas.



LENINE C. PÓVOAS



Síntese Geográfica
dos
Estados Unidos



== 1955 ==

TIP. DA LIV. RUY BARBOSA
CAMPO GRANDE - MT.

LENINE C. PÓVOAS



**VIAGEM A
PORTUGAL**

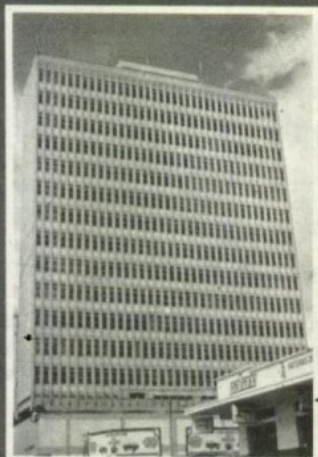
LENINE C. PÓVOAS
Secretário de Administração

A
Secretaria de Administração
no ano de 1974



CUIABA
MATO GROSSO
Janeiro - 1975

Mato Grosso



**um convite
à fortuna**

Lenine C. Póvoas

NILO PÓVOAS

**GALERIA
DOS
VARÕES ILUSTRES
DE
MATO GROSSO**

(OBRA PÓSTUMA)

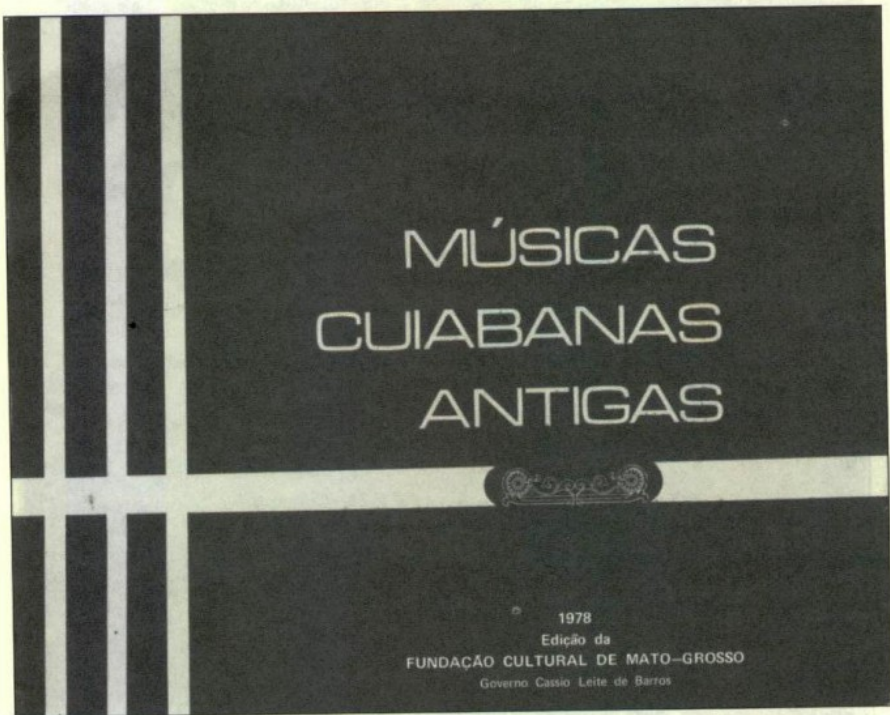
Vol. I

1977

Edição da

FUNDAÇÃO CULTURAL DE MATO GROSSO

Governo Garcia Neto



MÚSICAS
CUIABANAS
ANTIGAS



1978
Edição da
FUNDAÇÃO CULTURAL DE MATO-GROSSO
Governo Cassio Leite de Barros

Lenine C. Póvoas

Do Instituto Histórico e Geográfico
de Mato Grosso e da Academia
Matogrossense de Letras

CUIABÁ DE OUTRORA

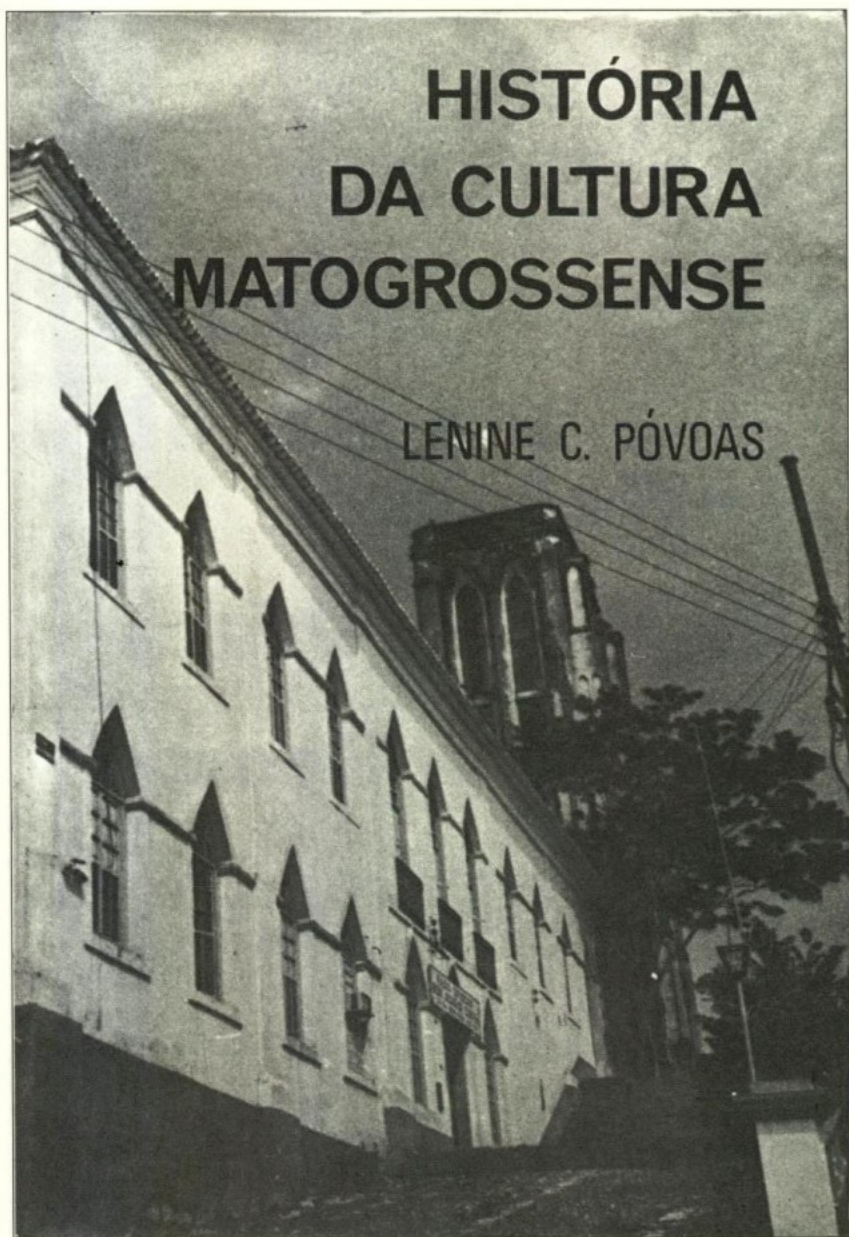


(TESTEMUNHO OÇULAR DE UMA EPÓCA)

FUNDAÇÃO CULTURAL DE MATO GROSSO
1983
CUIABÁ - M.T.

HISTÓRIA DA CULTURA MATOGROSSENSE

LENINE C. PÓVOAS



LENINE C. PÓVOAS

(Do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
e da Academia Matogrossense de Letras)

**Influências
do Rio da Prata
em Mato Grosso
(ensaio)**

1982
Cuiabá
Mato Grosso

Lenine C. Póvoas

Do Instituto Histórico e Geográfico
de Mato Grosso e da Academia
Matogrossense de Letras

O Ciclo do Açúcar



e a Política de Mato Grosso

(COM PREFÁCIO DE GILBERTO FREYRE)

LENINE C. PÓVOAS

Do Instituto Histórico e Geográfico de MT.
e da Academia Matogrossense de Letras

**«Perspectivas Demográficas
e Econômicas da Grande Cuiabá»**

(Separata da Revista do Instituto
Histórico e Geográfico de Mato Grosso)

CUIABÁ-MT.
1983

Lenine C. Póvoas

Da Academia Matogrossense de Letras
e do
Instituto Histórico e Geográfico
de
Mato Grosso

ROTEIRO SUL AMERICANO

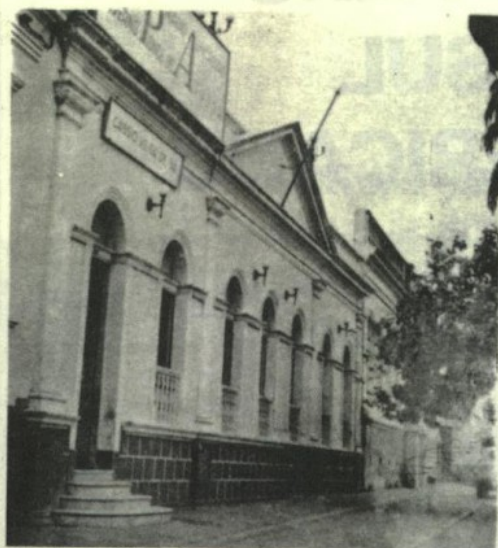


CUIABÁ - MT

1984

Lenine C. Póvoas

HISTÓRIA



DE

MATO GROSSO

1985

CUIABÁ - MT

M A T O G R O S S O



FRONTEIRAS

D A V I D D R E W Z I N G G



ISAAC PÓVOAS
ESCRITOS • DEPOIMENTOS • CARTAS

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO
1º CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

CUIABÁ
MATO GROSSO
1987

ACADEMIA SUL-MATOGROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA N.º 40

Patrono: General José de Lima Figueiredo

*Posse do Acadêmico
LENINE DE CAMPOS PÓVOAS
Em 13 de novembro de 1987.*

LENINE C. PÓVOAS

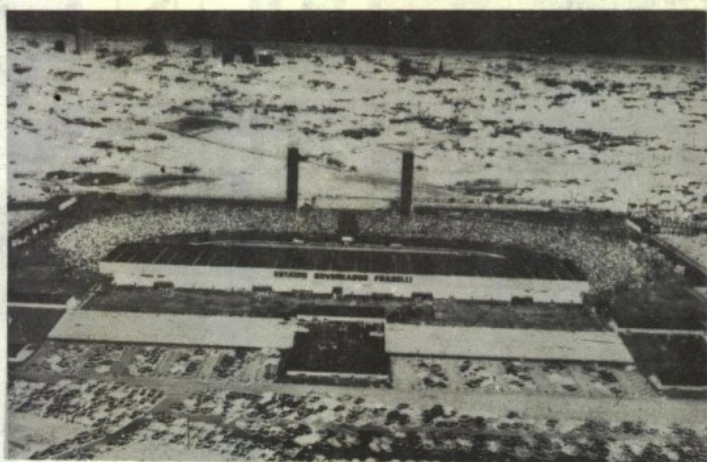
(Da Academia Matogrossense de Letras e do
Instituto Histórico e Geográfico de MT)

REMINISCÊNCIAS

1987
CUIABA
MT.

LENINE C. PÓVOAS

CUIABANIDADE

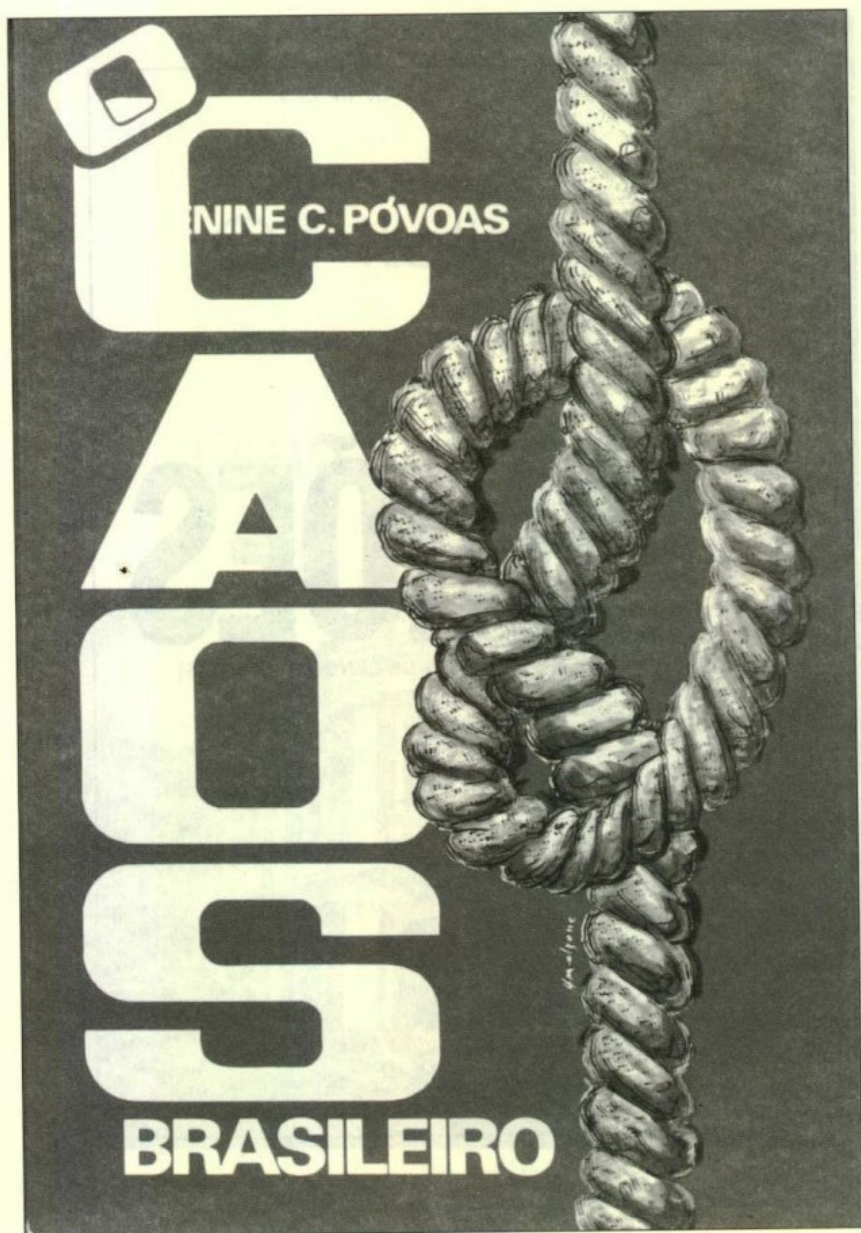


1987
CUIABÁ
MATO GROSSO

LENINE C. PÓVOAS

NA TRIBUNA
DA IMPRENSA

CUIABÁ
MATO GROSSO
1987



1988

OPINIÕES

(EMITIDAS SOBRE ALGUNS LIVROS DE LENINE C. PÓVOAS)

GUIABÁ
MATO - GROSSO

LENINE C. PÓVOAS

Os Italianos em Mato Grosso



1.989

LENINE C. PÓVOAS

NILO PÓVOAS, UM MESTRE



Cuiabá — MT
1991

LENINI C. PÓVOAS

Do Instituto Histórico e Geográfico
de Mato Grosso e da Academia
Matogrossense de letras.

Síntese de

**HISTÓRIA
DE
MATO GROSSO**

2ª Edição

CUIABÁ - MT - 1992

Lenine C. Póvoas

História Geral de Mato Grosso

Vol. I



Cuiabá - MT

Lenine C. Póvoas

História Geral de Mato Grosso

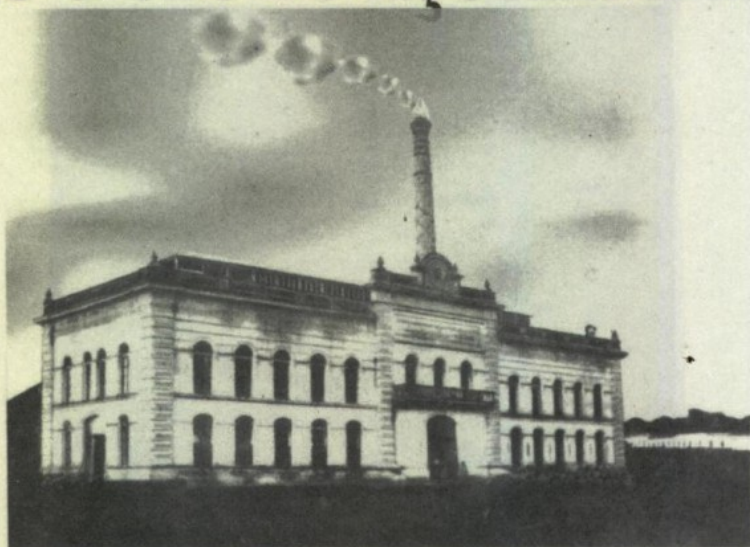
Vol. II



Cuiabá - MT

- LENINE C. PÓVOAS -

O CICLO DO AÇÚCAR E A



POLÍTICA DE MATO GROSSO

2ª Edição
Prefácio de Gilberto Freyre

R
E
V
I
S
T
A

do
INSTITUTO
HISTÓRICO e GEOGRÁFICO
de
MATO GROSSO
1955 - 1976
Tomos LXIII • CVI
ANOS XXVII • XLVIII

**R
E
V
I
S
T
A**

**DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE
MATO GROSSO
1995**

OMOS CXLIII

NO LXVII

DISCURSO DE POSSE NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO, POR OSMAR DE CARVALHO

Quero cumprimentar a Mesa, nas pessoas do presidente em exercício do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Weller Marcos; Onofre Ribeiro, amigo e companheiro; Elizabeth, minha professora no curso de História da UFMT; professor Aecim Tocantins, orgulho de todos nós; Ivan Echeverria; professor Domingos Iglesias...

Recebi uma sondagem para ingresso no Instituto há uns dois anos, através do meu amigo Weller Marcos. Mais recentemente ele reafirmou o convite e, confesso, fiquei pensando o meu papel, minha função, a finalidade de o ingresso meu no Instituto que aprendi – de fora – a admirar e acompanhar.

Falo isso porque, apesar de historiador, tenho minha trajetória marcada através do jornalismo. São 24 anos de trabalho na área.

Mas realmente entendi os desígnios da indicação quando avaliava o nome que escolheria para ser o meu patrono no Instituto. A escolha, o resgate da sua História, a homenagem a alguém daqui, da Terra... Sim, este era um dos meus objetivos no Instituto: resgatar a história e a memória do professor João Pedro Ferreira Fortes, de tradicional família cuiabana.

Filho da professora da famosa Escola Americana de Corte e Costura, D. Lucila Ferreira Fortes, e do servidor da antiga Comissão de Estradas de Rodagem (CR), depois Dermat e hoje Sinfra, Toni de Arruda Fortes, João Pedro foi uma pessoa de visão, de alma, de crença em um Brasil maior e melhor.

A ideia de homenageá-lo como patrono partiu de uma conversa com meu amigo e irmão de fé Heitor Correa. Conversava com ele

sobre a quem a homenagear, já que Cuiabá, Mato Grosso, o Brasil, possuía tanta gente merecedora. Mas tinha comigo que queria alguém daqui; com raízes aqui.

E Heitor lembrou-se de João Fortes. Havia sido seu professor no curso de História da UFMT. Achei a sugestão brilhante, afinal, João Fortes havia sido também meu professor em 1990 na disciplina de Ciências Políticas, no Departamento de História da UFMT.

João Fortes me impressionou de tal forma como professor que jamais pude esquecê-lo. Chegava em sala de aula, colocava o título de um livro no quadro, o nome do autor e as páginas de referência. Ficava ali a aula inteira discorrendo sobre o tema proposto.

No começo confesso que cheguei a desconfiar. Não achava que seria possível ele colocar as datas, nomes, número da página de tal livro, as particularidades enfim de uma imensidão de temas, com tanta precisão. Deveria estar nos enrolando, imaginava. Comecei a checar tudo o que ele falava em sala de aula. Jamais encontrei qualquer imprecisão, erro, por mínimo que fosse.

Mas, com o nome definido, e agora? Como buscar pessoas da família, pais, sobrinhos, tios, parentes, enfim? Novamente recorri ao amigo Heitor e confirmamos o que já imaginávamos: que a família era imensa, afinal reunia os Monteiros, os Fortes, os Ferreiras...

Mas filho único, falecido em 1997, mesmo com um legado impressionante de obras deixadas, não foi assim tão fácil memorizar a História de João Fortes.

Pais falecidos, tia Benedita, com que ele viveu boa parte de sua vida, falecida. Maria José, em idade avançada, morando em Chapada. Sua casa, ali na rua Dom Aquino, em frente ao Só Trauma, perto da Santa Casa, não existia mais...

Alias, até cheguei lá em busca de dona Benedita. Haviam me informado que ela residiria lá. O pedreiro que estava na área se assustou quando cheguei e pedi por ela. Morador - ali do Dom Aquino mesmo!, conhecido da família, ele enrugou a testa e falou: “môço, D. Benedita já morreu faz tempo...”. Expliquei que procurava familiares de João Fortes e ele foi taxativo: “Ô moço, o João”... e ele parou, pensativo. ---“Gente boa demais da conta! Pena que se foi”.

Mas depois disso encontramos uma família maravilhosa, que abriu luzes sobre a História de João Fortes. Eu e o Heitor fomos a casa de Antônio Feitosa e D. Clarice Fortes Feitosa, prima-irmã de João Fortes. Encontramos lá, além dos dois, seus filhos Silvío e a Maria Aparecida - a Cida. Foi uma conversa rápida, mas inesquecível.

Seo Antônio Feitosa é uma pessoa extraordinária. D. Clarice, pude ver, é coração. Seus filhos, emoção. Descobrimos que a História de João Fortes está mais do que preservada com eles. Livros, centenas deles. Artigos, centenas deles. Parte do material foi doada à UFMT. Outra parte ilumina acervos em creches e lojas maçônicas. Soubemos que a UFMT chegou a reunir dezenas de artigos escritos por João em jornais como o *Correio da Imprensa*, no início da década de 1970, ou em jornais como a *Crítica*, do meu amigo Weller Marcos, já na década de 1990. Há a promessa de um livro. Esperamos, nós todos, principalmente a sua família, que ele realmente saia.

Uma cópia deste material me foi entregue pela família. Já li uma boa parte. É História pura. Documentação imperdível. Com a devida permissão, estou fazendo uma cópia para repassar este material ao Instituto Memória da Assembleia Legislativa.

Seo Antônio, D. Clarice, seus filhos... Muito Obrigado.

E olha, não esqueci da História da Monarquia... Seo Antônio me disse que João Fortes brincava muito com esta questão, em meados dos anos 90, período em que se discutia o regime de governo que o país iria adotar. Segundo ele, João chegava e dizia:

---Já imaginaram? Em solenidade iria se dizer... Anunciamos agora a chegada do Conde de Livramento... Agora a chegada da Princesa de Acorizal...

Esse era o retrato de João Fortes. Crítico. Antenado com o Brasil e mundo.

Mas quero aqui, para retratar exatamente quem foi ele, lembrar de um verdadeiro legado deixado por ele, entre tantos artigos, estudos e obras...

Trata-se deste material, que gostaria projetar no telão. São propostas de João Fortes para Constituição de 1988.... Vejam a data: 10 de maio de 1986.

São 30 propostas... Vou citar algumas:

1) Que os Ministérios do Exército, da Marinha e da Aeronáutica sejam substituídos pelo Ministérios da Defesa, como em todos os países do mundo; 8) Que se crie as Pretorias de pequenas causas...; 12) Que seja instituído em todos os municípios brasileiros os Ouvidores Públicos (*ombudsman*), para servirem de intermediários e fiscais entre os reclamos da população e a administração municipal; 17) Que os analfabetos possam votar em todas as eleições, usando-se, apenas, a impressão digital; 18) Que seja prevista a punição judicial contra todas aqueles que pratiquem a discriminação e a segregação contra

os negros, as mulheres, os homossexuais, os velhos, os índios, os naturalizados e os deficientes físicos e mentais; 20) Que o Brasil seja declarado oficialmente um Estado Agnóstico, ou seja, nem religioso e nem ateu, a fim de garantir a liberdade de consciência; 30) Que se coloque, ante a Assembleia Nacional Constituinte, além do Presidencialismo e do Parlamentarismo, a terceira alternativa de sistema de governo, que é o Governo Colegiado, a meu ver, o mais avançado...

Esse foi, na essência, João Pedro Ferreira Fortes. Muito do que ele propunha já se materializou. Algumas coisas ainda não, mas quem sabe?

Obrigado à família, seo Antônio, D. Clarice, Silvio, Cida... Dr. Francisco Monteiro Fortes, sou testemunho do seu entusiasmo quando falei da homenagem a João Fortes. Obrigado ao Instituto, Weller, pela confiança e amizade; professora Elizabeth Madureira, professora que eu tive a honra de ser aluno na UFMT; professor de todos nós, Aecim Tocantins; professora Sônia Romancini. Sônia, cansei de ver minha mulher, que foi sua aluna no curso de Geografia, chegar em casa falando maravilhas de suas aulas na UFMT; ao João Carlos Ferreira, que me ligou a disse que não poderia estar aqui, mas estendeu o seu abraço; enfim, a todos do Instituto. Espero retribuir a confiança.

Aos amigos da loja Obreiros de Hermon presentes, obrigado pela força. Sinto suas luzes, amados irmãos.

Aos amigos jornalistas presentes, obrigado. Aos servidores da Assembleia Legislativa. Obrigado.

Ao Prof. Ivan Echeverria, que passei a conhecer mais e melhor nos últimos dias, parabéns. Pessoa maravilhosa, cheia de vida, projetos e ideais.

E obrigado a generosidade do amigo e companheiro Onofre Ribeiro. Onofre dispensa apresentações. É exemplo de vida e de profissional.

Minha mãe, Marli; minhas irmãs Joseane, Regina, obrigado. Cunhados Carlos e Cláudio... Sobrinhos Vitor, Tâmites, seu noivo Fagner... Obrigado pelo carinho.

Deixei por último, não por acaso, meu obrigado a Célia, minha esposa, e aos meus filhos Vinícius, Vitória e Pedro Augusto... Minhas companhias nas horas boas, nas difíceis, nas derrotadas, nas vitórias... Vocês são a minha vida.

Obrigado.

Artigos

O DEPÓSITO DAS IDEIAS

**DATA JUBILAR DE VIDA RELIGIOSA DE
DOM AQUINO CORRÊA**

**A HOMILIA DO CONGRESSO EUCARÍSTICO
DE CUIABÁ NA CONCEPÇÃO DE
D. FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA**

**ETERNO DOM AQUINO: UM ROTEIRO
TURÍSTICO EM CUIABÁ**

**RAMIRO NORONHA E OS DIÁRIOS DE
SUAS EXPEDIÇÕES (1915-1928)**

**A ALTERAÇÃO DA NOMENCLATURA DO
INSTITUTO HISTÓRICO DE MATO GROSSO
PARA INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE MATO GROSSO**

Posses

**DISCURSO DE POSSE DE
IVAN ECHEVERRIA NO INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO**

**DISCURSO DE POSSE DE OSMAR DE
CARVALHO NO INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO**



1919

ISSN 1677-0897



Este número da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso é comemorativa ao Jubileu dos 90 anos da Instituição. Ao longo desse trajeto, o IHGMT ofereceu e continua oferecendo significativa contribuição para a cultura de Mato Grosso, seja pela organização das fontes – biblioteca, hemeroteca ou acervo fotográfico da Instituição, hoje totalmente informatizados – seja através da produção intelectual de seus membros.

Este número da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso foi patrocinado pelo Governo Federal através do Ministério da Cultura - MINC e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e integra o conjunto de publicações promovidas pelo Ponto de Cultura do IHGMT.



Ministério
da Cultura

